Ateliê Sesc de Cinema

10 anos

ficha técnica

Ateliê Sesc de Cinema – 10 Anos

Organizadora:
Larissa Lisboa

Autoria:
Amanda Duarte
João Paulo Santos
Karina Liliane
Roseane Monteiro Virginio

Projeto gráfico:
Beatriz Montenegro

Colaboração em design:
Demetrius Santos Rodrigues

Produção:
Larissa Lisboa

Auxiliar de produção:
Ronald Silva

Ficha catalográfica:
Aberiluce Monteiro da Silva

ISBN:
Karina Liliane/AKA PRODUTORA

Revisão de texto:
Renata Czarny

Fotografias:
Acervo do Sesc Alagoas,
com contribuições de Nataska Conrado,
Nadja Rocha e Larissa Lisboa.

A Gerência de Cultura do Sesc Alagoas agradece a todas as pessoas que participaram das ações de aprendizagens na arte audiovisual do Ateliê Sesc de Cinema, tanto como estudantes, quanto ministrando as aulas; e as profissionais que lideraram o projeto ao longo desses 10 anos: Ágatha Salcedo, Nadja Rocha e Larissa Lisboa.

Ficha Catalográfica

A885 Ateliê Sesc de Cinema: 10 anos/ Organizadora Larissa Lisboa. -- Maceió: Sesc. Alagoas, 2023.

116 p.: il.
Vários autores
Inclui bibliografia

E-book
ISBN: 978-65-998464-1-0

1. Sesc 2. Cinema 3. Ação Cultural
I. Lisboa, Larissa II. Sesc. AlagoasI. Título

CDD 791.43

ficha administrativa

SESC – ADMINISTRAÇÃO REGIONAL ALAGOAS

Interventor (Resolução Sesc nº 1.507/2022)
Carlos Alberto Pereira da Silva

Direção Regional Interina
Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior

Diretoria Administrativa e Financeira
Natália Bakker de Brito Ferro

Diretoria de Administração de Serviços
Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior

Diretoria Interina de Programas Sociais
Meire Célia Lima da Silva

Assessoria Interina de Comunicação e Marketing
Robson Muller Silva dos Santos

Gerência de Cultura
Guilherme de Miranda Ramos

Analista em Audiovisual
Ronald dos Santos Silva

Analista em Biblioteconomia
Aberiluce Monteiro da Silva

apresentação

O Audiovisual é uma expressão artística essencialmente mediada por aparatos tecnológicos, rica em sua complexidade ao dispor de dispositivos que permitem o atravessamento das demais linguagens artísticas. O fascínio inevitável pela imagem em movimento ganha ainda mais força quando é capaz, não só de viajar por diversos lugares que habitam nossa imaginação, mas de olhar para nós mesmos, e nos aproximar da nossa própria cultura.

O cinema, que na contemporaneidade é situado como uma ramificação fundamental da linguagem Audiovisual, está presente nas atividades do Sesc desde a década de 1970. Mesmo antes de dispor de salas de exibição, a Instituição já se fazia presente com a linguagem, ocupando espaços públicos e provocando deslocamentos, por meio da projeção sistemática de filmes em 16mm, cumprindo um importante papel dentro da nossa recente história cinematográfica.

Como em todas as suas iniciativas, o Sesc prima pelo equilíbrio entre fruição e mediação dos conteúdos propostos, com o objetivo da reflexão e do alargamento das experiências. Debates, cursos, oficinas, palestras, laboratórios de experimentação e núcleos de desenvolvimento habitam as ações de formação dentro dos nossos espaços. E pela disponibilização destes recursos, acessíveis ao nosso público, o Sesc contribui para a democratização do pensar e do fazer artístico por meio dessa linguagem, hoje tão presente no nosso dia a dia.

Outro importante foco do trabalho é o desenvolvimento artístico, que não só proporciona a aproximação com o audiovisual como valoriza e fomenta a produção local, aspecto de extrema relevância para a cadeia nacional que, mesmo em cenários de precariedade, ainda sustenta a energia autoral e experimental.

É o que realiza o Ateliê Sesc de Cinema, que colabora para o fortalecimento do setor em Alagoas. Iniciativa que estimula vivências por meio dos processos que cartografam o território para a produção de documentários que revelam outros lugares e saberes das comunidades. Essa publicação, que retrata os dez anos do projeto, torna-se dessa forma um importante documento para a expressão da cultura local e divulgação das novas produções do cinema brasileiro.

Carlos Alberto Pereira da Silva
Interventor (Resolução Sesc nº 1.507/2022)

A cultura na sociedade pode revelar muito sobre o momento presente, sem desmerecer o passado e perpetuar o futuro. Nas mais diferentes formas de expressões, a arte contribui para transformação pessoal e desenvolvimento social.

No Sesc a cultura se reinventa continuamente, seja com a perpetuação das tradições, seja na praticidade e novos conceitos. Uma proposta que democratiza o acesso à arte, promovendo uma troca de saberes e desenvolvimento do censo crítico, como acontece com o audiovisual.

Em Alagoas, o trabalho vai desde de exibições ao incentivo a novas produções cinematográficas. Proporcionando a formação de comportamentos sociais, valores e expressões, potencializando a criatividade e o aprimoramento artístico local.

A realização de ações formativas em audiovisual é desenvolvida pela Coordenação de Cultura do Sesc Alagoas desde 2006, em oficinas e cursos de curta e média duração. A atuação é fortalecida pelo público participante e pelos instrutores que também disseminaram conteúdos.

É com satisfação que comemoramos em audiovisual os 10 anos de um projeto que ao longo desse tempo abre espaço para as produções alagoanas: o Ateliê Sesc de Cinema.

Como fruto dessa experiência, apresentamos esta publicação que traz uma sequência em destaque do panorama audiovisual desenvolvido pelo Sesc no Estado, e como o reflexo das produções locais que ultrapassaram territórios alcançando outros cenários.

Sintetizando alguns momentos que antecederam o projeto. Foram realizados, no período de 2006 a 2008, cursos objetivando exercícios audiovisuais práticos, passando pela escrita de roteiros, resultado do curso "Sétima Arte – linguagem e trajetória" ministrado pelo cineasta Hermano Figueiredo (AL); como também, na produção de micro vídeos de arte e dança, fruto do "Minicurso Vídeo Arte" com o fotografo Oscar Malta (PE), e da "Oficina de Vídeo Dança" conduzida pelo cineasta Glauber Xavier (AL).

Já em 2009, foi lançada uma proposta voltada ao estudo de produção para documentário, direcionada a um público que ainda não tivesse experiência na linguagem em audiovisual. Nasce o Ateliê Sesc de Cinema.

A cada edição foi viabilizado o encontro de alunos e profissionais locais para vivências e aprendizado da sétima arte. Foram mais de uma centena de alunos e duas dezenas de instrutores alagoanos que passaram pelo projeto em dez edições.

Em 2018, por meio de um grupo de estudos sobre o Ateliê, surgiu a proposta de reunir dados sobre as edições passadas, analisar os 23 filmes, revisitar seus processos e assim compartilhar o que foi semeado na sua primeira década, assim resumidos nesse livro.

Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior
Diretor Regional do Sesc Alagoas, em exercício

introdução

Desde 1921, quando o fotógrafo italiano Guilherme Rogato registrou as primeiras imagens em movimento em Alagoas, o estado tem conhecido suas potencialidades e dificuldades para a produção audiovisual. O segmento que não tem um registro histórico claro sobre os filmes produzidos até a última década tem se organizado, produzido e difundido trabalhos que, muitas vezes, se destacam em mostras e festivais nacionais.

Apesar de os investimentos públicos por meio de editais ainda serem aperiódicos e de ainda faltar muito para a formação de um cenário mais estável de produção, formação e difusão audiovisual no estado, o desenvolvimento do setor nessa última década tem sido progressivo. O Circuito

Penedo de Cinema, a Mostra Sururu e o Fórum Setorial do Audiovisual Alagoano são algumas das iniciativas que refletem essa maturação do setor a nível local e junto a outros profissionais, projetos e instituições tornam esse desenvolvimento possível.

Na condição de iniciativa que introduz jovens e adultos ao fazer audiovisual, o Ateliê Sesc de Cinema é uma das ações que têm sido determinantes para o progresso do segmento em Alagoas. O projeto que em 2019 completa uma década de existência é a única iniciativa de formação livre em audiovisual oferecida gratuitamente e de forma contínua e regular no estado, que sequer possui curso de graduação na área. Além disso, tem um acervo que reúne 23 obras roteirizadas e dirigidas majoritariamente de forma coletiva por alunos das nove primeiras edições do projeto.

Ao perceber a proximidade do aniversário de dez anos da iniciativa e o potencial transformador da mesma, o departamento de cultura do Sesc Alagoas convidou ex-alunos do ateliê para comporem um grupo de estudos sobre o projeto. Os encontros semanais aconteceram entre maio e outubro de 2018 e proporcionaram aos seus participantes inúmeras trocas de experiências e reflexões sobre o papel da iniciativa para a democratização do fazer audiovisual e para o despertar de um olhar sensível em relação às realidades urbanas, culturais e ambientais de Maceió, cidade na qual a atividade é desenvolvida.

Este livro é o resultado mais táctil desses encontros e integra o conjunto de produções criativas que surgem para comemorar os dez anos de um projeto que ainda pode contribuir muito mais com o desenvolvimento do audiovisual alagoano. A obra reúne artigos produzidos por quatro pesquisadores que, não por acaso, estiveram envolvidos com o Ateliê Sesc de diferentes formas e em diferentes edições. São três ex-alunas, sendo uma delas também ex-instrutora, e um ex-estagiário que foram convidados pelo Sesc para facilitarem o grupo de estudos e que expõem aqui suas percepções em relação ao projeto.

Exibição em 2009 no ABC.

Visita dos alunos da 3ª edição do Ateliê Sesc de Cinema em 2012 a Fernão Velho.

cinema cinema cinema em alagoas em alagoas em alagoas

01

Essa é uma pergunta recorrente quando o assunto é a produção audiovisual no estado. E a resposta é? Sim! Existe produção audiovisual em Alagoas e ela não começou agora.

Antes das primeiras tomadas de imagens serem feitas na capital alagoana chegou por aqui a partir de 1895, mesmo ano em que os irmãos Lumiére criavam o Cinematógrafo[1] na França, alguns brinquedos ópticos que tinham como princípio recriar a ilusão de imagens em movimento. A população maceioense pôde conferir de perto as micro histórias apresentadas através do Kinetoscópio, do Motoscópio, do Bioscópio e do Projectoscópio.

Só alguns anos depois Maceió tinha a primeira exibição de um filme por meio do Cinematógrafo. Com a chegada do aparelho foram surgindo várias casas de exibição na cidade como: Cine-Teatro Delícia, Cinema Helvética, Odeon, Moderno e o Cine-Teatro Floriano, que ao longo dos anos em que ficou em funcionamento recebeu mais dois nomes: Capitólio e São Luiz.

Esse tipo de ação além de auxiliar na formação de um público cativo de cinema, inspirava os espectadores a quem sabe um dia vir a produzir um filme. E assim, em 1921, Alagoas tinha suas primeiras produções cinematográficas feitas por Guilherme Rogato.

[1] Aparelho movido à manivela que tinha capacidade de gravar e projetar imagens.

Guilherme Rogato e as primeiras produções cinematográficas do estado

O jovem italiano esteve pela primeira vez em Maceió em 1919 para promover uma exposição fotográfica. Dois anos depois em 1921 ele retornou a capital alagoana para aqui fazer morada e empreender no ramo da fotografia, em seguida começou a produzir seus primeiros filmes.

Os dois primeiros curtas do cinema alagoano foram filmados nesse mesmo ano. Receberam os nomes de *Carnaval de 1921* e *A Inauguração da Ponte de Cimento em Victória* e foram exibidos no Cine-Teatro Floriano. Eles seguiram a tendência dos primeiros filmes produzidos no mundo e no Brasil que possuíam viés documental e se limitavam à mera filmagem dos acontecimentos de uma localidade.

No mesmo ano Rogato filmou seu terceiro filme e seguiu com sua carreira de diretor cinematográfico durante os anos seguintes. Produziu tanto documentários independentes quanto sob encomenda governamental.

Em 1933 sem conseguir mais conciliar a carreira no cinema com a de comerciante ele gravou seu último filme. *Casamento é Negócio?* foi ao mesmo tempo seu primeiro longa–metragem[2] de ficção e também o primeiro de Alagoas. Segundo conta Elinaldo Barros, em Panorama do Cinema Alagoano (2010), a trama do filme envolve a presença de um espião norte-americano que veio à Maceió com a missão de destruir uma companhia de petróleo.
Com o fim do ciclo de produção de filmes por Rogato o cinema alagoano sofreu o que podemos chamar de primeiro grande hiato. Não é encontrado registro de produções durante as duas décadas seguintes. Só temos conhecimento de uma nova onda de produções a partir de 1966 com o surgimento da Caeté Filmes do Brasil (empresa cinematográfica com foco em desenvolvimento de filmes de documentação de ações do governo, atividades festivas da população e eventos sociais) comandada por José Wandeley Lopes.

Final dos anos 60 e anos 70

Com o surgimento da Caeté Filmes do Brasil e de outros novos produtores, roteiristas e diretores outras atividades atreladas ao cinema começaram a dar seus primeiros passos por aqui.

Os críticos de cinema começaram suas caminhadas nesse período. Eles atuavam tanto em veículos de comunicação impressa como nas rádios. Foi a junção de alguns deles que fez com que surgissem as sessões de Cinema de Arte no antigo Cine São Luiz aos sábados pela manhã em uma parceria com a Empresa Luiz Severiano Ribeiro. Alguns nomes citados por Elinaldo Barros em seu livro *Panorama do Cinema Alagoano (2010)* são Regis do Amaral, Imanoel Caldas e Bezerra Neto. Em 1965 foi criado um cineclube com foco na exibição e debate dos filmes brasileiros que vinham sendo produzidos no período do Cinema Novo. Embebido por todo movimento da época

[2] *Casamento e Negócio?* foi lançado como primeiro longa-metragem alagoano por ser o primeiro filme feito aqui com duração de 30 minutos. No entanto hoje a duração considerada pela Agência Nacional do Cinema (Ancine) como longa-metragem é de no mínimo 70 minutos.

José Wanderley decidiu apostar na produção de um longa-metragem. Assim em 1971 foi lançado *A Volta pela Estrada da Violência*. O filme ganhou prêmio concedido pelo extinto Instituto Nacional do Cinema pela sua fotografia. Mas mesmo assim não conseguiu emplacar no circuito comercial por ter sido rodado em preto e branco uma vez que os filmes a cores já dominavam o mercado.

Super-8 e Festival de Penedo

Paralelo a tudo isso que vinha acontecendo houve a popularização das filmadoras Super-8. De início elas chegaram tomando o lugar anteriormente ocupado pelas câmeras fotográficas nos registros familiares. Mas com o passar do tempo algumas pessoas perceberam que elas também poderiam servir como instrumento para produção cinematográfica de forma mais prática e barata.

Foi no meio desse momento de efervescência de construções cinematográficas através da câmera Super-8 que surgiu o Festival do Cinema Brasileiro de Penedo. Idealizado por Solange Berard Lages e realizado pela Secretaria de Educação e Cultura o festival buscava ao mesmo tempo revigorar a economia da cidade e dar visibilidade aos filmes produzidos em Alagoas. Durante os anos de 1975 até 1982, a cidade ribeirinha do interior de Alagoas recebeu o festival que exibia às produções audiovisuais alagoanas através da mostra competitiva em Super-8 e longas brasileiros. A partir da sexta edição o festival abriu as inscrições da Mostra Competitiva de Super-8 para todo o Brasil.
Os filmes alagoanos apresentados na mostra competitiva do festival passeavam por vários gêneros cinematográficos. Iam do documentário ao terror, do contemplativo/experimental à ficção. Os realizadores e suas equipes não se privavam de trazer à tela seus sonhos transformados em roteiros por mais difíceis de executar que parecessem ser à primeira vista.

O número de inscritos só aumentava a cada ano, assim como o interesse pelo evento por parte da população local. O período do festival era um momento bastante aguardado já que com ele vinham à cidade não só a oportunidade de ver os filmes, mas também de encontrar celebridades como Glória Menezes e Vera Fischer. Muitos dos filmes alagoanos apresentados em Penedo circularam por outros festivais nacionais e internacionais recebendo prêmios, como é o caso de Severino, *O Homem que Jantou o Filho (1975)*, de Joaquim Alves, e *Casamento de uma Maria (1978)*, de José Márcio.

Anos 80 e 90

Pela falta de pesquisa a respeito da produção audiovisual em Alagoas entre os anos 80 e 90 acaba-se considerando a existência de um novo hiato da produção nesse período. O único realizador que atravessou esse período produzindo novos filmes foi Celso Brandão. Nem o fim do Festival do Cinema Brasileiro de Penedo nem a transição do Super-8 para o vídeo o pararam.

Apenas em 1998 uma nova mostra competitiva foi realizada no estado. Com a I Mostra Competitiva de Vídeos Alagoanos, organizada por Werner Salles (jornalista, cineasta e designer gráfico) e Emerson

Maranhão (jornalista e realizador audiovisual), é que o audiovisual local volta a tentar se firmar e ter uma produção, de fato, contínua mesmo sem o investimento e a profissionalização necessária ao crescimento da atividade.

Fato importante de se destacar é que a menção honrosa da mostra foi para o curta experimental *O Sofá* de Ana Rita Moura. Primeira mulher na direção de um curta a receber um prêmio em mostra competitiva realizada no estado.

Editais nacionais e locais

Outro momento de destaque nessa volta foi o Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro – DOC TV.

O projeto lançado pela Secretaria do Audiovisual em parceria com televisões públicas tinha como objetivo viabilizar a produção de documentários que eram exibidos na rede pública de TV, além de oferecer aos diretores(as) dos filmes selecionados a oportunidade de participar de oficinas formativas. Em Alagoas, financiou cinco filmes, entre 2003 e 2008.

Os filmes alagoanos produzidos através do edital DOC TV foram: *Imagem Peninsular* de Lêdo Ivo e *História Brasileira da Infâmia – Parte Um*, ambos de Werner Salles Bagetti, *Calabar*, de Hermano Figueiredo, *1912 – Quebra de Xangô*, de Siloé Amorim, e *Areias que falam*, de Arilene de Castro.

Alguns anos mais tarde, em 2010, é lançado o primeiro Edital de Incentivo à Produção Audiovisual da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (Secult/AL). Após o lançamento do edital o setor audiovisual passou por um boom. O número de inscritos cresceu passando de 13 em 2010 para mais de 57 em 2016. A quantidade de lançamentos anuais também cresceu.

Novas vitrines e formação

Buscando ser a principal janela do audiovisual em Alagoas nasceu em 2009 idealizada e realizada, até 2015, pela Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-metragistas de Alagoas (ABD&C/AL) a Mostra Sururu de Cinema Alagoano.

A mostra que já está em sua nona edição (apenas em 2010 ela não aconteceu) vem ao longo dos anos contribuindo para o crescimento e amadurecimento do setor, estimulando antigos e novos realizadores, acreditando no diálogo entre todos os integrantes da cadeia produtiva do audiovisual como caminho para construção de um setor estruturado.

Além da mostra competitiva e de filmes convidados a Mostra Sururu oferece ao seu público palestras, oficinas, bate-papos e mesas redondas entre outras atividades paralelas de formação e fomento de forma direta ou por meio de parcerias.

A partir de 2016 o Fórum Setorial do Audiovisual Alagoano[3] (FSAL) criado dentro da própria Mostra Sururu no ano anterior assumiu a responsabilidade de ser o realizador do projeto.

[3] Instância deliberativa e propositiva formada por pessoas que atuam no setor audiovisual em Alagoas.

Acompanhando o *boom* da crescente produção audiovisual no estado, em 2011 a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) criou o Festival de Cinema Universitário de Alagoas como forma de dar visibilidade aos filmes realizados por estudantes universitários.

Desde sua primeira edição podem se inscrever estudantes de todo Brasil desde que comprovem o vínculo com alguma instituição de ensino superior. Assim como a Mostra Sururu, o Festival Universitário traz em sua programação ações formativas, encontros, debates, workshops, mesas redondas e, como diferencial, apresentações de trabalhos acadêmicos.

Outro diferencial do festival é a cidade de realização. Como forma de rememorar os anos áureos do Festival do Cinema Brasileiro de Penedo a Ufal por meio das Pró-Reitorias responsáveis pela realização do evento escolheram Penedo como cidade sede.

Cinco anos depois da criação do Festival Universitário surgiu, em 2016, o Circuito Penedo de Cinema como forma de unir em um mesmo lugar quatro diferentes eventos relacionados a cinema e expandir tanto o público apto a participar com seus trabalhos, quanto o público espectador continuando a movimentar a cidade ribeirinha.
Assim fazem parte do Circuito Penedo de Cinema os seguintes eventos: Festival de Cinema Universitário, Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, Encontro de Cinema Alagoano e a retomada do Festival do Cinema Brasileiro.

Ao longo dos dias do Circuito o público pode então viver uma imersão na cidade berço da efervescente produção cinematográfica alagoana e brasileira dos anos 70 e inicio dos 80 se deliciando com filmes, trabalhos acadêmicos, oficinas, workshops, mesas redondas e bate papos.

Durante a última década, várias outras iniciativas contribuíram para a difusão do audiovisual alagoano. O projeto Acenda uma Vela, da ONG Ideário, a Mostra Alagoana de Cinema Alternativo – MarginAL, produzida pelo coletivo de mídia Sirva-se, e cineclubes são alguns exemplos. Atualmente parte da produção audiovisual alagoana pode ser encontrada no site Alagoar que reúne informações e links de exibição de centenas de filmes que podem ser acessados de qualquer parte do mundo.

A realização de atividades formativas ainda é escassa em Alagoas e não reflete o crescente interesse da população em buscar conhecer e investir na linguagem audiovisual. Ainda não há curso de nível superior, nem pós-graduação na área no estado. Mesmo assim é possível destacar algumas atividades formativas que foram desenvolvidas também nessa última década.

Em 2008, a Associação Artística Saudáveis Subversivos foi contemplada em edital do Instituto Oi Futuro para realização de um projeto de formação livre. O projeto intitulado Olhar Circular teve como público participante jovens entre 16 e 21 anos e foi realizado com duração de seis meses no Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas (CEFET/AL) na unidade Marechal Deodoro.

O projeto foi realizado com o objetivo de estimular a inclusão digital através da produção audiovisual ao oferecer uma formação complementar para jovens que viviam em comunidades com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Sete

documentários foram desenvolvidos por meio das aulas gratuitas de elaboração de projetos, informática, fotografia, captação de imagem e audio e edição.
Já a organização Ideário junto a ABD&C/AL submeteu um projeto de Núcleo Digital e ações formativas para o primeiro edital do Programa Olhar Brasil que concorreu nacionalmente com outros 51 projetos e foi contemplado. A Secult/AL forneceu a contrapartida necessária para o convênio com o Ministério da Cultura (Minc), tornando-se a realizadora da iniciativa em Alagoas em 2008.

A primeira etapa de implantação do Núcleo de Produção Digital de Maceió (NPD/AL) foi realizada entre junho de 2008 e janeiro de 2009, por meio da realização de 14 oficinas gratuitas, totalizando 400 horas de formação em diversas áreas do audiovisual. Esse projeto viabilizou a vinda de profissionais do cenário nacional para repassarem seus conhecimentos técnicos e estéticos sobre cinema para os mais de 200 alunos atendidos em Maceió, Boca da Mata e Arapiraca.

Um chamado ao fazer audiovisual

O ano era 2009. Na comunidade do ABC, no bairro de Fernão Velho, 40 adolescentes se reuniram numa sala com 5 metros de comprimento por 4 metros de largura para a primeira aula do Ateliê Sesc de Cinema. Começaram aí as mais de 1952 horas de aulas que o projeto acumula até hoje e o incentivo para a produção audiovisual em Alagoas que chegou à marca de 23 filmes em 2018.

Durante todo seu período de existência o projeto passou por várias modificações estruturais, mas o objetivo central de fazer com que jovens e adultos possam através da linguagem cinematográfica perceberem-se enquanto indivíduos cheios de limitações e potências, pertencentes a um contexto social, e reconhecerem o lugar que trabalharam durante as aulas, por meio de uma imersão, em seus filmes permanece até hoje.

A Coordenação de Cultura do Serviço Social do Comércio de Alagoas (Sesc/AL) após estudo realizado por Nadja Rocha, analista em audiovisual na época, sobre o bairro de Fernão Velho e a realidade dos jovens que ali residiam propôs o projeto como forma de responder parte da carência, vivenciada por esses jovens, de atividades de cunho educativo de desenvolvimento por meio da cultura entendendo este momento como um investimento na geração futura.

Depois de escolhido o bairro de atuação do projeto e o público alvo, jovens entre 14 e 20 anos, os próximos passos eram entender qual metodologia seria usada nessa imersão cinematográfica e qual a melhor forma de, somado ao investimento e estrutura destinado pelo Sesc, fazer o projeto sair do papel.

Para isso foi firmada parceria com o ponto de cultura ABC Guerreiros de Joana. Atuando na comunidade do ABC desde 2004 o projeto social e ponto de cultura era administrado pela Associação Teatral Joana Gajuru. Além de emprestar a sede para a realização de todas as aulas, essa parceria auxiliaria o diálogo com os jovens e ajudaria a trazer credibilidade ao projeto diante

da comunidade. Isso se confirmou quando após abertas 25 vagas para inscrição no projeto 40 era o número de alunos inscritos no primeiro dia de aula.

Já a metodologia escolhida para os quatro meses de curso foi dividi-lo em módulos mesclando a teoria e a prática. Eram eles: Ação cinematográfica e ação cineclubista, Roteiro e Realização cinematográfica. Os próprios alunos, em grupos, ao longo dos meses escolheram temas relacionados ao bairro de realização do projeto para abordar, escreveram roteiros, filmaram e editaram documentários com o auxilio dos professores. Depois de finalizados os filmes foram exibidos para a comunidade.

Dessa forma como resultado dessa primeira edição foram realizados quatro filmes. *Aconteceu no ABC (Jhony Gusmão, 2009)* que aborda as lendas urbanas presentes naquela comunidade e repassadas de geração em geração de forma oral, *O Velho e a Lagoa (Márcio Nascimento, 2009)* que aborda questões de sustentabilidade e meio ambiente por meio do trabalho desenvolvido por um pescador morador das margens da laguna Mundaú, *Nome, idade, profissão, onde mora (Viviane Vieira, 2009)* que acompanha todo o percurso que o personagem central faz desde sua saída no bairro de Fernão Velho até a chegada ao bairro do Centro, seu local de trabalho e *ABC Memórias de uma vila (Hugo Leonardo e Claudio Albuquerque, 2009)* que aborda as transformações sofridas pela comunidade desde sua fundação até aquele ano através das lembranças de antigos moradores.

Nos dois últimos filmes citados fica explícito na tela o quanto os alunos atenderam ao chamado do fazer audiovisual em cenas de bastidores que aparecem ou em cenas onde é possível vê-los operando os equipamentos. Além de matar um pouco a curiosidade dos espectadores sobre como a mágica do cinema se fez naquele filme em específico.

Durante essa primeira edição foi possível perceber três coisas. A primeira: que haveria uma evasão natural dos alunos. Nem todos que iniciaram o curso o concluíram mesmo que pra isso eles tivessem que preencher uma ficha de inscrição justificando o interesse em fazer parte do projeto. Mas que aqueles que chegaram até o fim seguiram todo o processo com determinação, afinco, responsabilidade e vontade de vencer todos os desafios.

A segunda: trabalhar em equipe nem sempre é fácil, muito menos escrever um roteiro e produzir um projeto coletivo. Mas todas as desavenças que surgiam durante o processo os auxiliariam a entender o fazer cinematográfico da menor à maior esfera e os faziam exercer a tolerância, empatia e respeito. Aprender a ter jogo de cintura para lidar não só com os obstáculos que apareceriam dentro do curso, mas também com todos que aparecem fora dele em suas vidas pessoais e profissionais.

Por último e não menos importante, havia e há uma real e crescente demanda de público em busca de cursos nesse formato sobre audiovisual que justificam a continuidade e regularidade do projeto.

Mesmo percebendo isso no ano seguinte assim como aconteceu com a Mostra Sururu que nasceu no mesmo ano que o projeto não houve execução de uma nova edição do Ateliê Sesc de Cinema. Apenas em 2011 o projeto foi retomado e seguiu de forma ininterrupta com uma edição por ano até hoje.

Em 2011 a retomada do projeto aconteceu seguindo as mesmas linhas da primeira edição executada, alguns meses de imersão cinematográfica com produção de documentários pelos alunos e exibição para comunidade como culminância. Dessa vez quem esteve à frente do Ateliê foi Ághata Salcedo que assumiu o cargo de analista após a saída de Nadja Rocha.

Os módulos foram alterados e assim a carga horária do curso aumentou. Os alunos passaram a ter acesso ao conteúdo através dos seguintes módulos: Bê-a-ba Audiovisual, Roteiro, Produção e direção, Filmando e editando, e Finalizando. Dessa forma o número de instrutores aumentou de três para cinco. Um para cada módulo. Hugo Leonardo, aluno da primeira edição, retornou ao projeto como monitor auxiliando os novos alunos.

O bairro escolhido para a imersão da vez foi Riacho Doce. Parceria firmada com o Espaço Clube Riacho Doce, lugar para as aulas assegurado. Quatro meses depois três novos filmes alagoanos eram finalizados.

Eles não deixam morrer (direção coletiva, 2011) tem como objetivo lançar luz a três profissões exercidas no bairro ao longo de muitos anos e que agora estão em declínio. Em *Marinete (direção coletiva, 2011)* o público pode acompanhar a personagem central, uma catadora de lixo reciclável, e ao mesmo tempo em que a conhece pode também conhecer o seu ofício e o bairro de Riacho Doce. Já em *Rainha (direção coletiva, 2011)* a diversidade religiosa presente no bairro é apresentada tendo Nossa Senhora da Conceição como fio condutor.

Em 2012 a terceira edição do projeto seria a primeira de muitas para Larissa Lisboa. Ocupando o lugar de suas antecessoras como analista em audiovisual do Sesc Larissa se deparou com a responsabilidade de dar continuidade ao projeto que ela já acompanhava de longe e pelo qual nutria grande carinho.

O bairro da vez seria o Pinheiro, no entanto houve um redirecionamento da temática para o Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas (CEPA), assim a terceira edição adentra o CEPA. O projeto foi apresentado aos alunos da instituição de ensino e aqueles que atenderam o convite compuseram a terceira turma do ateliê. Para essa edição o Instituto Zumbi dos Palmares (IZP) se tornou parceiro do projeto e as aulas foram ministradas no teatro Linda Mascarenhas.
Mais uma vez os alunos durante quatro meses tiveram a chance de conhecer produções alagoanas, as produções das edições anteriores, participar de encontros e palestras com diretores e partir do lugar de espectadores pra se tornarem, também, realizadores. Nesse ano repetindo o feito da primeira edição quatro documentários foram realizados.

Em um deles, *Diários (Gabriel Nicácio e Laura Nídia Simeão, 2012)* a vontade de estar ali transpassa os diretores e chega à tela. Podemos ver imagens de bastidores e de como eles se portaram no set. Essa imersão no fazer audiovisual e nos conhecimentos adquiridos era tão grande que eles resolveram retratar em seu documentário as expectativas e desafios de fazer um filme pela primeira vez por meio dos testemunhos dos próprios colegas de curso.

Cepa Sideral (direção coletiva, 2012) apresenta aos espectadores o observatório astronômico Genival Leite Lima situado no CEPA por meio dos relatos do professor e

astrofísico Adriano Aubert, de colaboradores e visitantes do local. Ao longo de todas as edições do ateliê esse foi o único filme que fez uso de animação em sua construção. *Pra onde a escola vai? (direção coletiva, 2012)* faz uma crítica ao descaso do estado para com a cultura por meio do processo de desativação do Núcleo de Expressões Artísticas (Nexa) do CEPA. *Saltos e Passos (direção coletiva, 2012)*, documentário que revela a relação daquele espaço que deve ser adubo para construção de novos cidadãos com movimentos artísticos que o ocupavam como o Hip Hop,o Break dance e Le Parkour.

Tendo como base o feedback dos instrutores das edições anteriores do Ateliê Sesc de Cinema a Coordenação de Cultura do Sesc Alagoas percebeu que era necessário mudar a forma de execução do projeto no que diz respeito à imersão em um bairro ou instituição ou equipamento público (como foi o caso de 2014 que teve o mercado como tema) buscando uma maior autonomia e proporcionando melhor e maior infraestrutura para os instrutores e alunos. Assim desde a quarta edição, mesmo tendo um bairro especifico para ser trabalhado com e pelos alunos, as aulas do projeto acontecem em alguma unidade do Sesc em Maceió (Sesc Centro, Sesc Poço, Sesc Jaraguá).

Nessa mesma quarta edição o bairro tema foi o Centro de Maceió e as aulas aconteceram na unidade de cultura do Sesc no próprio bairro estudado. Foram mantidos os módulos e o tempo de duração do curso como na edição anterior totalizando quatro meses de aulas.

Três foram os filmes produzidos pela turma de 14 alunos que concluíram o curso. *Brêda (Trinny Alarcon, 2013)* faz uma caminhada pelo prédio homônimo situado no centro de Maceió e sua história, questionando o quanto o Poder Público tem de responsabilidade para com a conservação do prédio, que foi o primeiro da cidade com sua magnitude.

Centro Organismo Vivo (coletiva, 2013) apresenta toda movimentação da vida comercial do bairro nos fazendo conhecê-la metaforicamente como se fosse um ser humano. Com toda sua dinâmica individual e coletiva e com seu pulsar de órgãos e músculos.

Edmilson (direção coletiva, 2013) revela o único personagem do documentário aos espectadores o acompanhando em todo trajeto que faz desde a sua casa até o local de trabalho, nos apresentando também sua esposa e filhos.

Na quinta edição, por meio de quatro documentários que passeiam por diferentes formas de construção narrativa dentro do gênero documentário os espectadores conheceram o Mercado, ou melhor, os Mercados existentes na cidade de Maceió localizados no bairro da Levada.

Não Olhe, Veja Bem (José Soares, 2014) traz o mercado da produção sob o olhar poético de seu diretor. Em *Escavacados (direção coletiva, 2014)* Arlindo Monteiro é apresentado por meio das suas obras de arte em palitos de fósforo. *Ser Marginal (direção coletiva, 2014)* mostra o mercado da produção e as feiras ao seu redor a partir da vivência dos trabalhadores e assim é possível conhecer um pouco do dia-a-dia do local, a relação da população com a região, a relação dos clientes com os vendedores, problemas de infraestrutura e violência vividos. *Já em 3 Mercados (direção coletiva, 2014)* são três personagens que

por meio das suas lembranças de uma vida de trabalho nos mercados mostram as transformações vividas pelo tema da quarta edição do projeto.

O bairro de Jaraguá é a escolha para 2015. Nesse ano os alunos tiveram um mês a mais de aulas do que nas últimas edições. Ao longo de cinco meses eles puderam amadurecer as ideias e construir o que se tornaram seus filmes.

Nessa edição a Coordenação de Cultura avaliou que reduzir a quantidade de filmes realizados pelo projeto seria uma forma de estimular o fortalecimento da participação dos alunos. Dessa forma ao invés de quatro foram realizados dois documentários.
Os dois filmes de 2015 são: *Bumba Meu Jaraguá (direção coletiva, 2015)* e *Monstro que Nada (direção coletiva, 2015)*. No primeiro filme os alunos adentraram os vazios formados a partir da perda da função social exercida pelo bairro e como isso conversa com a violência e a especulação imobiliária.

No segundo, os alunos/diretores sem medo de se arriscar decidiram cruzar a linha tênue existente entre o documentário e a ficção para abordar o descaso que a cidade e a população de Maceió sofrem.

A partir da edição seguinte do Ateliê, devido a reduções orçamentárias, foi reduzida a quantidade de documentários propostos no projeto. O que por um lado pode ser visto como prejudicial ao cinema alagoano já que assim a quantidade de filmes produzidos por ano cai, por outro pode e deve ser encarado como uma chance de maior imersão no trabalho coletivo por aqueles que se propõem a estar ali aprendendo e produzindo. E assim, parte do objetivo central da metodologia do projeto de fazer com que dessa forma os alunos possam entender como se dá o fazer cinematográfico seja ele independente ou mainstream se mantém vivo.

O bairro do Poço foi o ponto de partida para a turma da sétima edição do projeto. Após caminhadas pelo bairro, pesquisa histórica e conversa com antigos moradores eles escolheram como personagem do curta o desativado Cine Plaza. A partir dessa edição o curso passou a ter o módulo de fotografia e som e durar sete meses.

Assim como em Monstro que Nada, em *Isso Vale um Filme (direção coletiva, 2016)* os alunos/diretores buscaram se arriscar na construção narrativa ao mesclar artifícios de ficção com o modelo clássico de documentário para levar o público a conhecer o antigo cinema de bairro abandonado.

Para 2017 a escolha foi a Pajuçara, mas ao longo do processo os alunos entenderam que não haveria como falar desse bairro sem falar do bairro da Ponta da Terra, assim o segundo foi incorporado ao tema do ano. Buscando trabalhar a relação de identidade e pertencimento dos que ali residem *Onde Você Mora?(direção coletiva, 2017)* apresenta as igualdades e diferenças entre os dois bairros por meio da fala dos seus moradores.

A nona edição do Ateliê Sesc de Cinema foi realizada em 2018 e manteve os sete meses de duração. Em *Corpo D'água (direção coletiva, 2018)* os espectadores conheceram particularidades do bairro da Levada através não só dos entrevistados, mas também da própria laguna Mundaú que é a personagem central do bairro da Levada e desse filme.

Ateliê em números

Como forma de reunir em um único lugar informações sobre os alunos do Ateliê Sesc de Cinema e os depoimentos das experiências vividas por eles no projeto foi disponibilizado para todos os ex-alunos através de plataformas digitais um formulário desenvolvido por meio do Google Forms com questões objetivas e subjetivas.

Num total de 104 concluintes do Ateliê ao longo de suas nove edições apenas 43 desses aderiram ao chamado e a partir das respostas coletadas as informações foram transformadas em números. De agora em diante esses dados serão apresentados.

Ao longo dos nove anos de projeto o público alvo foi mudando e com ele a sua faixa etária. Dessa forma, considerando as 43 respostas obtidas como 100%, chegamos aos seguintes números: 48,8% dos alunos possuíam entre 13 e 23 anos de idade, 41,9% possuíam entre 24 e 34 anos e os 9,3% restantes entre 35 e 45 anos.

O grau de escolaridade dos alunos perpassa desde o ensino fundamental até a pós-graduação. Mas 34,9% deles estavam em algum curso superior quando participaram da imersão cinematográfica através do ateliê.

Tiveram seu primeiro contato com o fazer audiovisual através do projeto 65,11% dos ex-alunos. Sendo o Ateliê Sesc de Cinema o único curso de formação em cinema ofertado no estado de forma contínua e regular este dado comprova a importância da continuidade do projeto pois atende a uma demanda real.

Ele possibilita que os alunos além de terem o primeiro contato com essa linguagem artística, seja por uma vontade de trabalhar na área ou uma curiosidade em saber como tudo funciona por trás das câmeras, possam atrelar o audiovisual às suas profissões ou fazerem dele a sua atividade profissional após essa vivência.

Além de ser essa mola propulsora para quem quer conhecer e viver a experiência de fazer um filme, o ateliê também é a porta de entrada para minorias discriminadas e/ou socialmente marginalizadas. 55,6% dos ex-alunos moravam em bairros periféricos da cidade de Maceió durante a edição da qual participou.

Dentro de uma realidade nacional que segundo a pesquisa Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016 desenvolvida e apresentada pela Agência Nacional do Cinema (Ancine) em 2018 mostra que o cinema brasileiro é branco e masculino já que eles estão no topo das estatísticas das áreas criativas e técnicas como roteiro e direção. E localmente há o registro da participação de apenas nove mulheres compondo a equipe de algum filme ao longo dos sete anos de realização do Festival do Cinema Brasileiro de Penedo (1975 – 1982), sendo uma delas como diretora, Ana Severina da Conceição.

Uma diretora, Arilene de Castro, contemplada pelo Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro – DOC TV para três homens em Maceió durante as quatro edições do programa. E uma outra, Laís Araújo, contemplada pelo IV Prêmio de Incentivo à Produção Audiovisual de Alagoas, que teve 21 projetos premiados.

Além de terem passado pela mostra competitiva, 160 homens assinando a direção de filmes ao longo dos nove anos de Mostra Sururu de Cinema Alagoano enquanto o número de mulheres na mesma posição não passou de 90.

É importante observar e destacar como o Ateliê subverte essa lógica. Etnicamente falando 53,5% dos ex-alunos se autodeclaram negros. Já com relação ao gênero a porcentagem de homens e mulheres aparece equiparada em 48,8% cada.

Quando perguntados sobre como ficou o olhar sobre a cidade após passar pelo projeto todos os ex-alunos alegaram que tiveram seus olhares para com a cidade de Maceió e o bairro ou local abordado nas edições das quais participaram alterados. Eles contaram que depois do Ateliê passaram a observar a cidade com um olhar mais atento e sensível. Entendendo o quanto cada local por onde passam e/ou moram possui histórias para serem contadas e que não percebem.

Começaram a se entender como agentes transformadores na promoção da história e preservação da memória de cada lugar por onde passaram. Compreendendo que vivenciar os bairros, ouvir os moradores e pesquisar sobre foram aspectos cruciais nessa mudança que acaba por revelar as singularidades e a diversidade presente em cada local.

Karina Liliane Silveira de Santana

REFERÊNCIAS

ALAGOAR – A JANELA DO AUDIOVISUAL ALAGOANO. Disponível em: <www.alagoar.com.br>. Acesso em: 07/12/2018

ANCINE. **ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual**, 2018. Disponível em: <www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-mercado>. Acesso em: 28/01/2019

BARROS, Elinaldo. **Panorama do cinema alagoano.** 2. ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2010.

Núcleo de Produção Digital de Maceió (AL). Disponível em: <http://olharbrasilalagoas.blogspot.com/>. Acesso em: 19/01/2019

Olhar Circular dos Saudáveis Subversivos. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/olhar-circular-dos-saudaveis-subversivos>. Acesso em: 19/01/2019

Revista Graciliano. Imprensa Oficial Graciliano Ramos, Maceió, Ano V, N 16, setembro/outubro 2012.

IV Edital de Prêmio de Incentivo à Produção Audiovisual em Alagoas. Disponível em: <www.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos/2016/iv-edital-de-premio-de-incentivo-a-producao-audiovisual-em-alagoas>. Acesso em: 28/01/2019

sesc

ateliê

Sesc

atelië

para olhar e ver a cidade

Além de garantir o acesso de jovens e adultos ao aprendizado teórico e prático do fazer audiovisual, o Ateliê Sesc de Cinema motiva a prática de um olhar atento em relação às estruturas, culturas, histórias, paisagens e outros elementos da capital alagoana. Essa motivação faz parte da essência do projeto, que propõe aos alunos, a cada edição, um lugar-tema.

A escolha de determinados espaços urbanos define fronteiras, guiando os sentidos dos alunos para uma região a ser percebida e estudada. No entanto, cada lugar, mesmo que seja previamente conhecido por parte dos desbravadores, sempre se mostra como um universo a ser descoberto.

A existência de um exercício perceptivo em relação a Maceió e aos diversos elementos que a compõem é evidenciada de diferentes formas em todos os filmes produzidos ao longo dos dez anos de existência do Ateliê Sesc de Cinema. A cidade e suas nuances, nas condições de espaços físicos, expressões culturais e vidas biológicas e sociais, se fazem presentes nesses recortes criativos imersas ora em objetividades, ora em subjetividades; ora em retratos do cotidiano, ora em construções ficcionais; ora no questionamento, ora na afirmação; ora numa estética crua, ora na busca por algo além.

As dinâmicas que compõem o cotidiano dos espaços urbanos de Maceió, por exemplo, estão presentes em grande parte dessas obras e de diferentes formas, compondo um rico acervo memorial que resgata parte da história da cidade, registra o seu presente e indaga sobre o que está por vir, usando inúmeros artifícios para provocar o espectador

a refletir sobre os espaços da cidade, despertar memórias afetivas em relação a ela ou simplesmente presentear-se com um passeio pela capital alagoana. Esse passeio, inclusive, pode ser feito por meio do trem antigo ou de um dos Veículos Leves sobre Trilhos (VLT) que começaram a circular na Região Metropolitana de Maceió em 2011.

Os veículos modernos não carregam em si a atmosfera saudosa e o gingado gostoso do bom e velho trem, mas oferecem um pouco mais de conforto especialmente às pessoas que moram em Satuba, Rio Largo ou em bairros mais afastados da região central de Maceió e trabalham na parte baixa da cidade. A malha viária, o trem e o VLT são alguns dos elementos que compõem as dinâmicas urbanas de Maceió e estão presentes em alguns dos curtas produzidos pelos alunos do Ateliê Sesc.

No documentário *Nome, idade, profissão, onde mora (Viviane Vieira, 2009)*, da primeira edição do projeto, o trem aparece como elemento integrante do cotidiano de Isaias Ferreira, um vigilante desempregado que encontrou na atividade de vendedor ambulante uma nova fonte de renda. Ele mora em Fernão Velho e trabalha no Centro.

Imagens do interior do veículo cheio de passageiros e de áreas urbanas vistas de dentro dele abrem o curta-metragem junto às primeiras palavas do vendedor. O trem e os trilhos integram a paisagem visual do filme junto a outros elementos que ajudam a revelar a Maceió da época na qual ele foi produzido. O mesmo acontece em *Ser marginal (direção coletiva, 2014)*, documentário que aborda a ideia de marginalidade em relação aos comerciantes informais do Mercado da Produção. Os trilhos estão presentes em diferentes planos e ilustram o questionamento social intrínseco à obra: margens são linhas que nos separam ou nos aproximam? O trem aparece no final do curta.

Em *Bumba meu Jaraguá (direção coletiva, 2015)*, por outro lado, a imagem de um trecho inativo da linha férrea abriu o curta acompanhada pelo som de uma buzina de trem, fazendo alusão a um passado no qual o Jaraguá tinha uma vida muito mais pulsante do que na atualidade. Dois anos depois da criação do documentário que retrata o abandono do bairro, foi inaugurada uma estação ferroviária na região. Desde então, Jaraguá conecta-se ao Centro por meio dos VLTs.

Um desses veículos também aparece em *Centro organismo vivo (direção coletiva, 2013)*, chegando à estação Central. Já em *ABC Memórias de uma vila (Hugo Leonardo e Claudio Albuquerque, 2009)*, o trem é citado no depoimento de uma das entrevistadas que fala do surgimento da estação do ABC como um dos fatores positivos do modesto desenvolvimento urbano dessa comunidade localizada em Fernão Velho.

A presença do trem, dos VLTs e da linha férrea em obras criadas por alunos de diferentes edições do Ateliê Sesc provocaram a atenção da coordenação de cultura da instituição para as conexões que eles simbolizam entre espaços urbanos e entre uma parte significativa de filmes produzidos pelo projeto. Essas conexões são o tema da décima edição da iniciativa.

O fluxo humano a partir do transporte ferroviário, principalmente entre bairros com características interioranas e a Levada, no entanto, é apenas uma peça que compõe o grande quebra-cabeça que é a urbanidade maceioense. Esse fluxo também é

apenas um dos aspectos urbanos incorporados pelos alunos do ateliê em alguns dos seus recortes criativos.

ABC Memórias de uma vila (2009) reúne depoimentos de moradores da comunidade do ABC e ajuda a resgatar parte da história desse lugar que é desconhecido por muitos maceioenses. A partir dos relatos da Dona Chica, do Manuel, da Dona Zefa e da Conceição, o espectador pode vislumbrar o nascimento da vila operária localizada em Fernão Velho e o desenvolvimento da região no intervalo de décadas. O bairro como um todo e, mais ainda, a comunidade do ABC, parecem compor um pequeno município nas proximidades de Maceió, apesar de esses locais serem alcançados pelo transporte público e incorporarem aspectos negativos do crescimento urbano, como a violência e a escassez de peixes provocada pela ação humana somada à ausência de ações governamentais que de fato beneficiem a cidade e a população que vive nas margens da laguna Mundaú. O curta-metragem também mostra as ruas majoritariamente de barro, as casas simples e outras características interioranas do lugar.

À medida que mostra fragmentos do cotidiano de Isaias acompanhados pela sua narrativa, *Nome, idade, profissão, onde mora (2009)* revela a dinâmica da região central de Maceió, especialmente da Levada, bairro no qual ele compra diversos produtos. O vai e vem de carros e pessoas e os ruídos de uma feira livre são apresentados em concomitância com a necessária fluidez do vendedor ambulante que precisa andar rápido para garantir o seu ganha-pão.

Centro organismo vivo (2013) também parte de um olhar sobre a dinâmica comercial da região central de Maceió, mas apresenta um outro recorte. Apesar de incorporar vozes humanas em alguns trechos, o documentário não abriga entrevistas e retrata a pulsante dinâmica do Centro do início ao fim do horário comercial. Na obra, som e imagem constroem um universo que iguala a vida diurna dessa região a um organismo biológico vivo. Ruídos, vozes, cores, formas e texturas compõem esse fluxo, junto à trilha sonora original gravada com três instrumentos tradicionais do Nordeste: a sanfona, o pandeiro e o triângulo.

Num ritmo mais moderado e fazendo uso de uma narrativa poética, *Não olhe, veja bem (José Soares, 2014)* usa uma estética visual rica em planos que mostram detalhes que compõem a diversidade cultural e estrutural do Mercado da Produção. O recurso também é utilizado em *Ser Marginal (2014)* para apresentar o mesmo lugar a partir de narrativas de comerciantes que fazem parte dele.

A construção visual e sonora de Brêda (Trinny Alarcon, 2013), por sua vez, é muito mais contemplativa do que as dessas outras obras e ajuda a apresentar ao espectador uma estrutura arquitetônica que guarda inúmeras histórias e tem lugar marcante na memória sociocultural de Maceió. Composto por dez andares e localizado no Centro da capital alagoana, o Brêda é um dos mais antigos edifícios da cidade e enraizou-se no consciente popular por ter sido cenário de inúmeros suicídios entre as décadas de 60 e 90.

Produzido na mesma edição do Ateliê Sesc que esse último curta, *Edmilson (direção coletiva, 2013)* mostra outro personagem que faz parte do cotidiano do Centro de Maceió. O filme apresenta um senhor cego que canta e toca pandeiro há anos no calçadão do centro da cidade. Sua difícil trajetória de vida e seu cotidiano são mostrados simultaneamente, revelando um período em que sofreu violências físicas

de familiares e um presente no qual ainda enfrenta obstáculos cotidianos, a exemplo dos buracos, bueiros e outros que dificultam a mobilidade de pessoas com deficiências em Maceió. O artista mora na parte alta da cidade e atravessa-a de ônibus, que é o meio de transporte público mais utilizado pelos maceioenses, para chegar ao seu local de trabalho.

Fragilidades estruturais como esgotos a céu aberto e crateras no asfalto também aparecem em *Onde Você Mora? (direção coletiva 2017)*, que revela afinidades e contrastes existentes entre os bairros Pajuçara e Ponta da Terra.

Além de indagar sobre onde começa e onde termina cada um esses desses bairros maceioenses, o filme revela a diversidade urbana e cultural existente neles. Assim, quem apenas conhece a bela praia da Pajuçara tem a chance de perceber, entre outras coisas, a presença de iniciativas culturais e da diversidade religiosa desses dois bairros. Ao falar sobre Pajuçara e Ponta da Terra, o filme é capaz de provocar seus espectadores a refletirem sobre o quanto conhecem e o quanto vivem os bairros nos quais moram.

Provocações parecidas estão presentes nos curtas *Bumba Meu Jaraguá (2015)* e *Isso Vale Um Filme (direção coletiva, 2016),* que apresentam a relação da sociedade maceioense contemporânea com a memória urbana da cidade. Essas produções utilizam imagens de ruínas para tratar do abandono de estruturas históricas de Maceió e das implicações socioculturais dessa falta de zelo do poder público e dos cidadãos em relação a elas.

O primeiro curta é mais contemplativo e apresenta edificações ociosas do Jaraguá. As ruínas são os elementos mais notáveis usados pelos realizadores do filme para abordar o abandono sociocultural do bairro e as anomalias sociais provocadas por ele, como o aumento da violência urbana. Em *Isso Vale Um Filme (2016)*, a história do Cine Plaza é contata por moradores das redondezas das ruínas do extinto cinema localizado no Poço. O documentário foi filmado nesse espaço e no Vale do Reginaldo, uma comunidade periférica vizinha. O filme contém elementos ficcionais e aborda ainda outras questões sociais e urbanas da região, mas conta principalmente a história do cinema que funcionou entre as décadas de 1950 e 1990 e a relação da comunidade com ele. Boas lembranças do tempo em que o Cine Plaza esteve ativo misturam-se à indignação dos moradores que revelam suas memórias à medida que caminham sobre as ruínas do cinema.

No livro Por Uma Antropologia da Mobilidade, o antropólogo francês Marc Augè observa a relação da contemporaneidade com o tempo e a cidade. Ele salienta que "hoje não pode haver mais ruínas e nada do que morre deixará rastros, mas registros, imagens ou imitações" (2010, p.71). Partindo desse raciocínio, é possível compreender a importância da produção audiovisual e de outras artes e técnicas de registro para a preservação da memória das cidades, culturas e sociedades. Algumas ruínas ainda existem, mas num futuro não muito distante as histórias de espaços como o Cine Plaza, que é apenas um dos cinemas de bairro que foram extintos de Maceió nas últimas décadas, só serão conhecidas ou lembradas por meio de registros visuais, sonoros e audiovisuais.

Essas e outras artes e técnicas afins também têm sua importância para a preservação da memória das cidades da forma que elas são na atualidade. *CEPA Sideral (direção coletiva, 2012)*, por exemplo, mostra uma estrutura construída há poucos anos no Centro Educacional de Pesquisa

Aplicada (CEPA), localizado no bairro Farol. O filme apresenta o observatório astronômico Genival Leite Lima por meio de depoimentos de colaboradores e visitantes do espaço.

Ao mostrar o observatório, revelar o envolvimento da comunicade estudantil com ele e apontar a necessidade de uma reforma no local, o curta ressalta a importância da ocupação científica e cultural dos espaços urbanos e a necessidade de manutenção dos equipamentos públicos. Essas reflexões provocadas pelo filme se fazem necessárias especialmente em meio ao crescimento urbano de Maceió, que assim como o da maior parte das cidades brasileiras tem ocorrido de forma desordenada, verticalizada e privando cada vez mais a população do acesso às áreas naturais e de lazer às quais tem direito.

Cada uma das 23 obras produzidas pelos alunos do Ateliê Sesc até hoje, aliás, é uma valiosa contribuição para a preservação da memória urbana de Maceió e para o despertar de novos olhares sobre as dinâmicas urbanas. A partir de diferentes construções estéticas e conceituais, esses realizadores têm dado seus primeiros passos no segmento audiovisual deixando claro para seus espectadores que as cidades precisam da arte tanto quanto a arte precisa das cidades.

Amanda Duarte da Silva

REFERÊNCIAS

ALAGOAR. **Ateliê Sesc de Cinema.** Disponível em <http://alagoar.com.br/atelie-sesc-de-cinema>. Acesso em: 05/11/2018.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade.** Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP, 2010.
BARROS, Elinaldo. Panorama do cinema alagoano. 2. ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2010.

PEREIRA, Ives; SCOTTO, Gabriela. **Lugar, memória e resistência na representação da cidade: a produção de sentidos no filme Aquarius.** XVII ENANPUR, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.3/ST%206.3-02.pdf>. Acesso em: 12/11/2018.

Ilustrações de referências do bairro de Jaraguá após pesquisa de campo realizada no módulo de Introdução a linguagem audiovisual da 6ª edição do Ateliê Sesc de Cinema em 2015. Fotos do acervo do Sesc Alagoas.

a cultura alagoana registrada nos filmes do ateliê sesc

a cultura alagoana registrada nos filmes do ateliê sesc

A cultura alagoana é registrada em abundância nas produções do Ateliê Sesc de Cinema, demonstrando o interesse de seus realizadores em destacar os elementos que constituem a nossa particularidade regional. Assim, o projeto acaba contando um pouco sobre a formação cultural e social de Alagoas, e como ela é parte importante da nossa identidade.

Mas de onde vem essa cultura registrada nos filmes alagoanos? Para responder a essa pergunta se faz necessário compreender um pouco da história de Alagoas.

A sociedade alagoana nasceu nesse espaço de terra banhado por águas. Essas águas doces e salobras, de acordo com alguns pesquisadores, tiveram um papel importante na formação social, econômica e cultural do nosso estado.

Nesse âmbito, Dirceu Lindoso (2015), importante etnohistoriador alagoano, se destaca por sua vasta obra em torno dos elementos culturais que formaram o Estado de Alagoas. A narrativa apresentada por Dirceu mostra o desenvolvimento da sociedade alagoana por meio do contato com as suas águas, dando a essa sociedade um caráter de anfibialidade. Assim, a produção cultural alagoana como se conhece atualmente é um reflexo de sua interação e convivência com as águas.

Nesse encontro de homens e águas nasceram a culinária tão apreciada pela população local e turística, como o sururu e o massunim; as danças, a mistura étnica, a linguagem e os modos de saber e fazer típicos do povo alagoano.

Mas além das águas existiam também os quilombos, as aldeias indígenas e a religiosidade cristã trazida pelos portugueses que se misturavam às expressões religiosas de matriz africana e de outros povos. Enfim, Alagoas se constituiu pela pluralidade geográfica e étnica, resultando na mistura de sabores e costumes que trazem até hoje.

De maneira mais formal, o conjunto desses elementos e características culturais é apresentado por Canedo (2009) em seu artigo: ""Cultura é o quê?" - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos". Em que nos descreve três concepções fundamentais sobre essa palavra tão utilizada em nossos dias.

A primeira concepção descreve-se como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais (CANEDO, 2009, p.04). Nesse sentido, os indivíduos, através da interação social, constroem os seus valores, o seu modo de pensar, o seu modo de fazer, a tradição oral, os costumes e as crenças que se revelam nas manifestações da cultura popular.

A segunda concepção tem um caráter mais restrito, referindo-se às obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, voltada especificamente para circuitos mais especializados, no âmbito da produção cultural e sua distribuição e comercialização pelo mercado, gerando emprego e renda nos espaços em que é realizado.

A terceira e última concepção posiciona a cultura como um fator de desenvolvimento social. Nesse sentido, a cultura tem um papel formador, estimulando posicionamentos críticos e o desejo de atuar politicamente. Assim, as produções culturais podem circular em torno de temas como: a violência, o racismo, o preconceito e a desigualdade, fomentando o debate e o olhar atento para essas realidades.
É a partir desse entendimento sobre o significado da cultura que os filmes: *Rainha (direção coletiva, 2011), Eles não deixam morrer (direção coletiva, 2011), Três Mercados (direção coletiva, 2014), Escavacados (direção coletiva, 2014), Saltos e passos (direção coletiva, 2012), Pra onde a escola vai? (direção coletiva, 2012), Isso vale um filme (direção coletiva, 2016), Bumba meu Jaraguá (direção coletiva, 2015)* e *Onde você mora? (direção coletiva, 2017)* do Ateliê Sesc de Cinema se situam na produção local.

Mais do que simples entretenimento ou forma de transmitir tecnicamente algum conhecimento relacionado à área cinematográfica, o que aparecem nesses filmes são olhares cuidadosos e sensíveis sobre os lugares em que se encontram, que de alguma maneira acabam reforçando a ideia de pertencimento àquele determinado lugar, ou até mesmo, criando formas de atuação para que se preservem os espaços destinados à produção cultural.

Sendo assim, apresenta-se em seguida o que cada um desses filmes trouxe de contribuição a esse tema tão caro para todos nós nos dias atuais.

A edição de Riacho Doce, em 2011, trouxe aos espectadores um olhar marcante da riqueza cultural que esse pequeno lugar preserva. *Rainha (direção coletiva, 2011)* apresentou toda a diversidade religiosa que se manifesta em Riacho Doce. A presença de manifestações religiões distintas (Cristã, Santo Daime, Matriz africana) em um único espaço é apresentada de forma harmônica, onde as pessoas tinham espaços para manifestar a sua fé sem qualquer

tipo de julgamento. Um filme que enche os olhos não somente pela diversidade de crença do seu povo, mas pela simplicidade com que trata a fé.

A natureza e as águas aparecem como figuras importantes do cenário, mostrando como esses elementos fazem parte do cotidiano dessa população, e também, como elementos constituintes de algumas religiões locais.

Eles não deixam morrer (direção coletiva, 2011) é outro filme que revela os modos de saber e fazer do bairro de Riacho Doce. A pesca, o artesanato e a culinária são apresentados por seus moradores como modos de saber e fazer herdados de gerações anteriores. A boleira (dona Percina), por exemplo, é uma das personagens mais ilustres do filme. Ela representa o sabor de uma culinária presente em seus antepassados, que com todo o cuidado e dedicação transmite às gerações seguintes. O pescador (Claudevan), fala com entusiasmo de como aprendeu com seus pais a arte da pesca. E a rendeira (Marlene), conta em cada detalhe como produz o tradicional filé, além de nos contar um pouco sobre a sua trajetória de vida.

No entanto, as transformações que acontecem na contemporaneidade fazem com que personagens como esses se percam ao desinteresse dos mais jovens. Nesse sentido, o filme mostra como essas profissões ligadas tão fortemente a cultura alagoana está em declínio nos dias atuais.

Marc Augé (2010) descreve esse lado mais perverso da globalização, em que a atenção das novas gerações se concentra naquilo em que é novo, vivendo, como classifica o autor "o eterno presente". O significado do passado, ou até mesmo, o que se planeja para o futuro é simplesmente descartado para que o presente seja a única forma possível.

Os espaços tradicionalmente ocupados pela cultura popular são ressignificados para dar vida a formas elementares de produção cultural, gerando consequências desagradáveis à população, como à perda da própria identidade.

Eles não deixam morrer (2011) é um título apropriado para esse filme, pois soa como resistência. E resistir é uma atitude que sobressai em cada um dos personagens do filme. Eles formam a vanguarda que resguarda o modo de saber e fazer desses indivíduos, preservando o máximo possível as suas identidades e o conhecimento adquirido de gerações. É, portanto, um desafio para esses sujeitos preservarem aquilo que deles fazem parte para que não se perca no espaço e no tempo.

Dessa forma, os filmes do Ateliê Sesc de Cinema não apenas registram aquilo que seus realizadores pretendem mostrar. Ele vai mais além, pois conservam um conhecimento que vem se perdendo ao longo do tempo. O Ateliê contribui enormemente para a memória coletiva da nossa sociedade e ajuda a preservar e a produzir simultaneamente a nossa cultura.

Outro filme que desponta na captura da memória coletiva é *Três Mercados (direção coletiva, 2014)*, sobre um importante espaço de comércio localizado no centro de Maceió, onde abriga três personagens que narram a sua história a partir de suas experiências.

Esses olhares se cruzam para falar sobre a importância que o Mercado tem para a população de Maceió, o quanto sua histó-

ria é parte da identidade dos maceioenses e, por vezes, como compõe a própria identidade daqueles que dele fazem parte.

O filme começa com algumas imagens antigas do Mercado, contrastando com a sua fachada atual, ao mesmo tempo em que iniciam as falas dos depoentes sobre como era a organização do espaço naqueles tempos memoráveis. É, por assim dizer, uma aula de história sobre um dos principais pontos de comércio da cidade de Maceió.

A realização de filmes como esse cria em seus realizadores sentimentos de empatia, e reforça os laços de pertencimento anteriormente criados. Os alunos que participam do Ateliê de Cinema saem dessa experiência com outra perspectiva da realidade em que vivem, outro olhar sobre a cidade e sobre os sujeitos da qual dela fazem parte. O olhar crítico nasce a partir dessas vivências e modelam as ações de seus realizadores nas experiências posteriores.

Escavacados (direção coletiva, 2014), mergulha no universo artístico do artesão alagoano Arlindo Monteiro que, cuidadosamente, modela, ou como ele próprio sugere: "escavaca" os palitos de fósforo, extraindo deles figuras que representam a diversidade da cultura nordestina e, em especial, a alagoana.

O filme de pouco mais de cinco minutos passeia em cada detalhe das peças do artesão. É um misto de cores e formas que dão vida a personagens presentes na tradição cultural nordestina, que vai desde a religiosidade até as manifestações folclóricas e carnavalescas que conhecemos ainda hoje. O que revela não somente a diversidade de costumes e conhecimentos formados pelo nosso povo, mas a própria criatividade artística de Arlindo Monteiro e o seu olhar atento para cada forma de manifestação presente em nossa cultura popular.

Em um determinado momento do filme, Arlindo revela que a sua paixão por escavacar começou lá na infância, quando construía seus próprios brinquedos com latas de óleo e garrafas plásticas para brincar com outras crianças. Ao associar a sua lembrança aos dias atuais, o artesão se mostra aflito ao ver as crianças se interessarem somente pelos jogos de computador, principalmente aqueles que têm como tema a guerra e o combate violento. Isso aponta para um choque geracional, em que as novas gerações, diante da diversidade de entretenimentos produzidos unicamente para o consumo e satisfação imediata, inibem a criatividade e relegam ao esquecimento formas de saber e fazer produzidas socialmente e que definem a identidade cultural daquela geração.

Dessa forma, o Ateliê Sesc de Cinema dimensiona o olhar para espaços não muito contemplados, mas que abrigam uma riqueza e criatividade que devem ser cultivadas e preservadas permanentemente. Assim, Arlindo Monteiro miniaturiza em seus palitos de fósforos, o espírito de nosso povo e toda a sua diversidade.

Já o filme *Saltos e passos (direção coletiva, 2012)*, aborda uma perspectiva muito interessante de como a cultura se manifesta através do espaço em que vivem as pessoas, ou em que passam maior parte de seu tempo.

Realizado na 3ª edição do Ateliê Sesc de Cinema e rodado no Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA), em 2012,

o filme revela a importância social que a arte e o esporte têm para a construção de indivíduos capazes de expressar sonhos e exigir direitos. *Saltos e passos (2012)* coloca em evidência o uso dos espaços e como as pessoas se apropriam e criam neles novos significados, símbolos e modos de vivenciá-los.

Trata-se de uma edição singular desse projeto, pois formou-se uma turma de alunos com os próprios estudantes do CEPA, em que as idades variavam entre 13 e 16 anos, sendo alguns filmes protagonizados pelos próprios realizadores como, por exemplo, *Diários (Gabriel Nicácio e Laura Nídia Simeão, 2012)*, uma metalinguagem a partir dos depoimentos sobre o primeiro contato com o fazer da linguagem audiovisual.

Saltos e passos (2012) narra as diferentes formas de expressão de movimentos artísticos próprios de comunidades periféricas. O Hip Hop, o Le Parkour e o Break transitam em frente à câmera numa dança frenética ao som do rapper alagoano Vitor Pirralho. Ao mesmo tempo ouvem-se os depoimentos de alunos que descrevem a importância desses movimentos dentro do ambiente escolar. A música, a dança e o esporte radical Parkour se tornam meios de expressividade e sociabilidade que, de alguma maneira, ajudam a extravasar emoções e a queimar energia. Observa-se durante o filme que o espaço usado para a prática dessas atividades é o próprio recinto escolar, ou seja, a quadra, as escadarias, os aparelhos usados para exercícios físicos, os salões, enfim, toda a estrutura onde seja possível a realização de alguma dessas manifestações.

No entanto, o filme já evidencia a preocupação de alguns alunos com a destruição de alguns espaços importantes para a realização dessas atividades. Além disso, por se tratar de uma manifestação cultural típica da periferia, os alunos tornam-se alvos de preconceitos e discriminação por parte de outros grupos de alunos e também pela própria instituição escolar.

Nesse contexto a Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (Seduc) apresenta inconsistências pelo campo da arte e da cultura, uma vez que as salas do Núcleo de Expressões Artísticas (Nexa), situado no próprio CEPA, utilizadas pelos alunos para as aulas de música, desenho, danças e teatro, não mais abrigam essas e outras atividades artísticas.

O filme Pra onde a escola vai? (direção coletiva, 2012) revela como o Nexa, tornou-se um braço burocrático da Seduc. As salas utilizadas pelos alunos para as aulas de música, desenho, danças e teatro, encontram-se hoje cedidas à Secretaria de Educação. O prazo da cedência, conforme apontado no filme seria de dois anos, até que o novo prédio da Seduc ficasse pronto, mas esse prazo já foi esgotado.

A imagem de um boneco do folclorista Ranilson França esquecido em um amontoado de materiais numa sala estreita é a materialização visível de como a cultura em Alagoas é tratada pelos órgãos da gestão pública.

O filme ainda retrata como o Nexa foi um importante formador de novas gerações de artistas e como esse núcleo trazia outra vida e outra vivência à sociabilidade dos alunos do CEPA.

Nesse sentido, como forma de contornar a situação, os alunos desenvolvem suas próprias expressões e manifestações a partir daquilo que vivem, buscando e utilizando

espaços alternativos. Ao estimular o acesso e apropriação dos alunos de suas estruturas, o CEPA se torna um lugar vivo culturalmente. *Pra onde a escola vai? (2012)* é, notavelmente, mais um filme de resistência, provocativo e questionador feito por aqueles que se sensibilizam e se preocupam com a cultura de nosso estado.

No entanto, após seis anos do lançamento do filme a realidade estrutural do CEPA foi visivelmente modificada. Os espaços utilizados pelos alunos para a prática do Parkour, Break e Hip Hop foram praticamente extintos. Após passar por inúmeras reformas que visavam o seu "melhoramento", as escadarias, corrimãos, quadras, salões e equipamentos para ginástica foram transformados num extenso corredor pavimentado por concreto cortado por algumas árvores recém-plantadas e algumas flores.

Isso vale um filme (direção coletiva, 2016), apresenta uma narrativa sobre o abandono que se cerca por múltiplos olhares. Neste filme, que tem como foco o descaso com os antigos cinemas de bairro, precisamente, o Cine Plaza, localizado no bairro do Poço (Maceió – AL) nas imediações do Vale do Reginaldo, rememora-se que o abandono das entidades governamentais não se aplica somente à área da cultura, mas estende-se para a área social, pois o Vale do Reginaldo é o flagrante vivo que a câmera não deixa escapar.

O abandono da população da vizinhança do Cine Plaza se confunde aos escombros do prédio onde funcionou o cinema. O filme tem uma complexidade especial, pois ao mesmo tempo em que denuncia o abandono da cultura e de outras necessidades essenciais à vida humana, faz um trabalho de resgate memorial dos tempos de triunfo do Cine Plaza, utilizando o depoimento de alguns de seus frequentadores. Assim, ao caminhar pelo que restou do antigo cinema, os depoentes vão narrando e resgatando em suas memórias os momentos de alegria e descontração proporcionados pelo cinema.

Os cinemas de bairro foram durante décadas o ponto de encontro da juventude maceioense, locais de lazer e cultura que, de acordo com alguns relatos da época, abrigavam mais de 20 salas de cinema. Atualmente se encontram fechados ou demolidos, dando lugar a espaços comerciais ou igrejas.

O filme *Bumba meu Jaraguá (direção coletiva, 2015)* busca, de forma contundente, denunciar o vazio sociocultural que se encontra o bairro do Jaraguá, localizado na parte baixa de Maceió. Antes conhecido por sua boemia e pelo fluxo intenso de pessoas durante o dia, Jaraguá aparece na tela de cinema como um espaço vazio e abandonado. Não se houve quase nada, há não ser, o barulho do vento cortando as ruas desertas e os casarões desabitados.

Contudo, a câmera parece seguir algum indício que a leva num passado não muito distante. Esses vestígios estão em toda a parte do bairro e refletem uma época tingida de diversas cores. Então, eis que surge à nossa frente o Bumba meu boi, sempre colorido e atento à sua dança. Dessa forma, o filme encerra-se num tom alegre e ao mesmo tempo nostálgico, que representa o que foi e o que ainda poderia ser o bairro do Jaraguá.

É importante registrar que a figura do Bumba meu boi é também destacada no filme Isso vale um filme (2016). A figura folclórica do Bumba meu boi é um elemento histori-

camente presente na cultura popular alagoana, sendo utilizado nas festas carnavalescas ou em outros festejos populares no decorrer do ano.

Em 2013, a Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC) iniciou um mapeamento que, de acordo com a sua descrição, consistia em identificar e pontuar no mapa do município de Maceió as expressões manifestadas por grupos ou artistas cujas atividades integrem um dos 18 segmentos culturais reconhecidos pelo Ministério da Cultura (MINC) e já representados no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Maceió. Nesse mapeamento, Maceió tinha aproximadamente 40 grupos de Bumba meu boi, maior parte deles situados nas regiões mais periféricas da cidade.

O filme *Onde você mora? (direção coletiva, 2017)*, apesar de ter como tema central as diversas relações entre os bairros da Pajuçara e Ponta da Terra, deixa transparecer algumas manifestações culturais presentes naquela região, desde as tradicionais escolas de samba carnavalescas, como a Gaviões da Pajuçara, até os espaços consagrados à prática de religiões de matriz africana.

Por fim, o trabalho realizado de forma diligente pelo Ateliê Sesc de Cinema busca por múltiplas vias formar pessoas que tanto se interessem pelo audiovisual, como para aqueles que queiram intervir ativamente na construção de uma sociedade mais crítica e sensível as transformações que acontecem em sua volta.

João Paulo Santos

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade.** Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP, 2010.

CANEDO, Daniele. **"Cultura é o quê?" - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos.** In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 27 a 29 de maio de 2009, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

LINDOSO, Dirceu. **O encontro das águas: Calunga. Contribuição a uma sociologia do palustre e a uma etnologia do anfíbio na cultura dos canais e lagoas dos alagados alagoanos.** In: LIMA, Maria de Lourdes (Org.). Uma cultura anfíbia na transversalidade de saberes: Alagoas e Rússia. 1º edição. Alagoas: EDUFAL, 2015.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE AÇÃO CULTURAL. **Projeto mapeia expressões culturais de Maceió.** Disponível em: < http://www.maceio.al.gov.br/cultura/blog/cresce-o-numero-de-expressoes-mapeadas-na-cartografia-cultural/> acesso em: 23/02/2019.

Cenas dos filmes “Nome, idade, profissão e onde mora” e “Marinete”, respectivamente.

a laguna
a laguna
o mar
o mar
e o riacho
e o riacho

Os filmes produzidos pelo Ateliê Sesc de Cinema trazem ao longo de sua trajetória novos olhares sobre a cidade de Maceió, que tanto quanto outras capitais no Brasil caracteriza-se pela diversidade étnica e pela multiplicidade das belezas naturais. Os documentários têm a capacidade de registrar as transformações e as permanências, testemunham as dinâmicas da urbanidade e da cultura, assim como podem captar os espaços e a relação da cidade com o meio ambiente.

A beleza natural de Maceió é a principal característica disseminada em outdoors, revistas, sites e peças publicitárias. A cidade é vista através do seu potencial turístico, contudo, os filmes do projeto trazem novas perspectivas e maneiras alternativas de construir e desconstruir visões sobre ela.

O projeto Ateliê Sesc de Cinema visa essas outras percepções e redescobertas, pois a cada edição um bairro é escolhido como tema para a construção de documentários. Os filmes registram os aspectos naturais de Maceió de maneira descritiva e/ou denunciativa, do mesmo modo que media em vozes e imagens os saberes populares e as perspectivas de mundo das pessoas comuns.

Alguns documentários produzidos pelo ateliê remetem à relação entre a cidade e o meio ambiente. Os filmes abordados nesse contexto são *O Velho e a Lagoa (Márcio Nascimento, 2009); Eles não deixam morrer (direção coletiva, 2011); Marinete (direção coletiva, 2011); Monstro que nada (direção coletiva, 2015); Onde você mora? (direção coletiva, 2017)* e *Corpo D´água (direção coletiva, 2018)*. Essas obras contribuem com olhares plurais sobre o mundo exemplificado na visão dos depoentes e dos realizadores.

Os documentários expõem os recursos naturais da paisagem maceioense, a laguna, o mar e o riacho: todos esses filmes têm como elo a presença das águas, como personagem ou como espaço a ser retratado. Segundo o etnohistoriador Dirceu Lindoso (2015), a água está tanto na geografia quanto na cultura de Alagoas.

Esses filmes-paisagens identificam nuanças e singularidades dos bairros de Fernão Velho, Riacho Doce, Pajuçara, Jaraguá e Levada. Dessa forma, esses documentários exercem um papel importante no processo de reflexão e reconhecimento de Maceió.

A Laguna

Os bairros de Fernão Velho e Levada são retratados respectivamente pelos filmes *O Velho e a Lagoa (2009)* e *Corpo D´Água (2018)*, que exibem as paisagens da laguna Mundaú.

Em *O Velho e a Lagoa (2009)* têm-se como personagem principal o Seu Moreira, um pescador que vive de maneira sustentável nas margens da Mundaú. O filme exibe Seu Moreira, em Planos Gerais, exercendo o seu ofício na laguna. A narrativa do documentário é centrada no cotidiano do pescador, na canoa e nas plantações de seu terreno; do mesmo modo que o seu profundo conhecimento popular sobre a laguna é ressaltado.

A partir das cenas externas é possível visualizar a laguna Mundaú, suas dádivas e os problemas que este recurso natural está sofrendo. O filme enfatiza a luta particular de Seu Moreira contra a poluição que está instalada na laguna: garrafas pets, pneus e geladeiras. Ele denuncia a presença de dejetos e da água preta e fétida que se intensifica no verão. Ao longo do documentário Seu Moreira se mostra preocupado com o ambiente em que vive e busca, dessa maneira, manter-se em relação harmônica com a natureza: tem uma horta autossustentável e retira o lixo da laguna e o vende. *O Velho e a Lagoa (2009)* foi filmado em Fernão Velho, um bairro periférico de Maceió distante do centro da cidade, banhado pela laguna Mundaú que ainda tem a ferrovia como principal meio de ligação com outros bairros. Como primeiro núcleo fabril do estado, Fernão Velho foi local da indústria têxtil alagoana e de moradia dos operários. Esse processo de ocupação da vila pode ser visualizado através do documentário ABC memória de uma vila (direção coletiva, 2009).

A escolha da indústria de se fixar nessa região não foi nada ocasional, justifica-se pela abundância de água e por ser contornada por um morro de mata atlântica que através das suas nascentes serviam como fonte de energia hidráulica (FARIAS, 2014, p. 43). A vida dos trabalhadores/moradores nessa vila operária era toda regrada. O lazer, as escolas, o comércio, a religiosidade e a habitação eram "oferecidos" pela empresa. Os salários eram baixos, por isso, os operários tinham a laguna como uma complementação da renda. A laguna Mundaú se destaca como fonte de recursos naturais para a maioria dos moradores de Fernão Velho; a pesca de peixes e do sururu está intrínseca ao bairro.

Do mesmo modo, o filme *Corpo D´Água (2018)* estabelece uma relação com o bairro da Levada. Esse documentário apresenta a perspectiva da laguna Mundaú como narrativa principal, assim como entrevistas

com pesquisadores e moradores que demostram em seus discursos a relação essencial entre a laguna Mundaú e a Levada por meio do processo de habitação, do comércio e do transporte da região; além de expor as transformações da paisagem: as drenagens, aterros de canais e cortes de manguezal através de imagens fixas e em movimento.

O bairro da Levada, localidade de canais e alagadiços, lama e mangue, foi um dos primeiros da cidade de Maceió, tem uma entrada natural de água. O bairro fixado nas margens da laguna, serviu como base para o comércio e transporte entre a antiga capital Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul (Marechal Deodoro) e Maceió.

Um fato importante a ser ressaltado é a diferença de nove anos entre *O Velho e a Lagoa (2009)* e *Corpo D´Água (2018)*. Ao colocar ambos os filmes em perspectiva, pode-se visualizar o aumento da poluição e de bancos de areia, assim como a diminuição de peixes e moluscos, o processo de urbanização dos bairros periféricos e a falta de saneamento básico. Dessa forma, a laguna agoniza, mas para a população ribeirinha a Mundaú é uma mãe, que dá comida e esperança de dias melhores, como bem expressa as falas do pescador (Ernandes Santos) em *Corpo D´Água* e do Seu Moreira em *O Velho e a Lagoa.*

O Mar

O documentário *Eles não deixam morrer (2011)* tem como pano de fundo o bairro de Riacho Doce localizado na zona norte de Maceió, também distante do Centro. As construções do local remetem a uma pequena cidade do interior de Alagoas. Tem-se a presença de uma igreja, de uma praça e de uma rodovia, configurando uma relação em que a maioria dos moradores se conhecem, batem papo nas calçadas e as crianças brincam nas ruas.

Os habitantes dessa comunidade têm suas práticas e seus conhecimentos disseminados de geração para geração, dessa maneira, o filme tem como enfoque o registro e a preservação de fazeres e saberes dos moradores e destaca a perspectiva de três personagens: o pescador (Claudevan), a boleira (Percina) e a artesã (Marlene). Em Eles não deixam morrer (2011) são apresentados o dia-a-dia, o material de trabalho e os locais onde os protagonistas exercem as suas funções: o mar, a cozinha e a calçada de casa.

As atividades executadas pelos entrevistados têm como ponto em comum o uso de materiais orgânicos, como por exemplo: Claudevan utiliza remos, algumas ferramentas e a jangada que advêm da madeira. Marlene para fazer o bordado conhecido como filé faz uso de uma linha de algodão, assim como as telas que servem para esticagem das malhas são de madeira e para a finalização das peças utiliza-se goma de amido de milho. E Dona Percina mestre na culinária popular tem na produção dos doces e bolos o coco como elemento principal dos beijus, tapiocas e pés-de-moleque que são assados no seu fogão de barro.

As transformações ao longo dos anos na região do Riacho Doce como processo natural do capitalismo e das descobertas tecnocientíficas levam as práticas e saberes populares a não serem transferidos para as gerações futuras, seja pela falta de interesse dos familiares ou pela busca de outras formações profissionais que proporcionem uma maior renda.

Dessa vez, a água que está presente é a do mar, as águas da praia de Riacho Doce. A orla é apresentada com jangadas, coqueiros e casas de veraneio, ou seja, é uma vida de caiçara, pois o bairro é visto como um lugar idílico em meio à cidade.

O curta-metragem *Marinete (2011)* tem como personagem principal uma mulher negra e catadora de lixo que pratica a reciclagem para sobreviver. Feito uma andarilha em baixo de um sol forte, Marinete Conceição percorre a rodovia AL 101 Norte puxando seu carrinho para além de Riacho Doce. O filme revela o local onde Dona Marinete mora, uma região periférica sem saneamento básico e asfalto. As casas são populares e construídas próximas à vegetação (coqueiros, matos, árvores) e córregos. O lixo está em todo lugar: nas casas dos ricos, nos terrenos baldios e na praia de Riacho Doce. O mar está em segundo plano. Marinete é fio condutor da narrativa. Os dois documentários, Eles não deixam morrer e Marinete, foram produzidos na mesma edição do Ateliê Sesc de Cinema, contudo, no filme Eles não deixam morrer é criada uma narrativa onde Riacho Doce é um lugar paradisíaco de uma cultura rica que depende dos recursos naturais para sua circulação e consequentemente para não cair no esquecimento. Entretanto, no documentário *Marinete* há uma denúncia implícita dos problemas das grandes cidades, como o lixo urbano, as habitações irregulares e a especulação imobiliária. O filme contribui com pistas sobre a relação entre moradores antigos com os habitantes que advêm do boom da especulação imobiliária, como exemplo a construção de condomínios fechados que modificam tanto a vegetação (coqueirais) quanto a vida dos moradores.

O filme *Onde você mora? (2017)* retrata as diversas relações entre dois bairros vizinhos, Pajuçara e Ponta da Terra. Nos depoimentos dos seus moradores são destacadas algumas questões sobre o pertencimento, a cultura e a sociedade. Contudo, esse texto está focado na relação cidade e meio ambiente. Por isso, faz-se uma ressalva para a discussão da primeira sequência desse documentário.

O curta-metragem apresenta através de imagens registradas por drone a orla marítima da Pajuçara com seu mar azul esverdeado e suas piscinas naturais. Observa-se também os prédios, os hotéis, os turistas, as quadras de tênis e poliesportivas, a ciclovia e o trânsito. Todas essas cenas são embaladas pela música *Minha Sereia*, de Carlos Moura, que exalta as belezas naturais do lugar. Posteriormente, sem a presença da música e somente com os sons do vento e do mar, são apresentadas em voz off as impressões entusiasmadas dos turistas a respeito de Maceió, das praias e do trânsito.

O documentário *Onde você mora?* traz a dinâmica de uma capital litorânea, retira as cortinas da Pajuçara e indica uma realidade dissonante daquela conhecida pelos sites de turismo. Exibe-se um bairro com toda sua complexidade e contraste, pois o filme expõe os problemas urbanos da orla da Pajuçara mostrando o esgoto que desemboca na praia pela falta de saneamento básico.

Sabe-se que a presença do lixo na areia e no mar podem acarretar acidentes e até mortes de animais marinhos. Infelizmente esta adversidade não se restringe apenas à orla marítima da Pajuçara, mas também às demais praias urbanas de Maceió.

O curta-metragem apresenta uma crítica contundente de como a cidade não consegue lidar com a conservação do meio ambiente em prol da sua expansão e das dinâmicas urbanas.

O riacho

Em 2015 a 6ª edição do Ateliê Sesc de Cinema teve o bairro de Jaraguá como fonte para a produção de filmes. Situado entre o centro da cidade, o riacho e o mar, Jaraguá é um dos lugares que fundou a cidade de Maceió. O bairro possui um patrimônio histórico e arquitetônico dos séculos XIX e início do XX, fato que posteriormente gerou o seu tombamento pelo Governo do Estado de Alagoas no ano de 1984.

As condições naturais da região logo foram utilizadas para as atividades portuárias. Em consequência, o bairro de Jaraguá passou por um processo de urbanização atrelado ao funcionamento do porto que gerou transações comercias, exportações e importações, assim como, em decorrência da dinâmica econômica, observou-se o aumento demográfico que contribuiu para a transformação de Maceió em capital (LINDOSO, 2005, p. 50).

Jaraguá ainda conserva os antigos casarões, trapiches, bancos, a Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, a Associação Comercial de Alagoas, a Capitania dos Portos, a sede do Sindicato dos Estivadores e o Museu da Imagem e do Som (antiga alfândega). No entanto, alguns dos edifícios estão abandonados e o bairro passou por um uma queda na quantidade de habitantes devido à expulsão dos moradores da Vila dos Pescadores de Jaraguá em 2015.

Com um contexto histórico rico em tipos humanos, o local serviu de inspiração para o filme híbrido *Monstro Que Nada (2015).* Esse curta-metragem denuncia, por intermédio de encenações e depoimentos, um monstro que assombra um riacho e uma cidade à beira do apocalipse. Através do bom humor a narrativa flui para indagar sobre o que se passa em Maceió.

Desde a origem da cidade, as águas têm um fator essencial para o povoamento e transportes; dessa maneira, os riachos e os canais são vistos como conexões entre a terra e o mar. O riacho situado no coração do município entre o Jaraguá e o Centro é conhecido como Salgadinho, mas já foi chamado de Maceió e Reginaldo. Ele é o protagonista do falso documentário.

Monstro Que Nada (2015) inicia-se exibindo a poluição do Salgadinho: lixo, água opaca e galhos de árvores. As cenas são narradas pela bióloga Luzenita Mallmann que descreve o riacho antes do processo de degradação ambiental. O filme registra imagens da orla da praia de Ponta Verde (bairro nobre) com turistas e famílias se divertindo intercalado com fotografias de corpos humanos em valas. Ou seja, o curta-metragem denuncia que há algo de estranho no cenário paradisíaco.

Esse riacho era um corpo d´água translúcido onde os moradores da região se banhavam e pescavam, também era um bom lugar para lavar roupas. A capital de Alagoas é uma das poucas metrópoles que possuem uma praia (Avenida) no centro da cidade, entretanto, imprópria para banho. Esse fator revela explicitamente os problemas das grandes cidades contemporâneas e como elas lidam com o meio ambiente.

Das águas opacas e poluídas, o filme cria uma metáfora sobre um monstro que vive, fere e mata pessoas que transitam pelas margens do riacho Salgadinho. O curta-metragem busca dar voz aos problemas urbanos da capital. A violência, a mobili-

dade urbana, o analfabetismo e a poluição são questões problematizadas pelos entrevistados.

Monstro Que Nada (2015) parte dos problemas ambientais como fator base de sua narrativa para denunciar a degradação ambiental do Salgadinho nos últimos 40 anos, devido à expansão da cidade ocasionada muitas vezes pelas construções desordenadas, pelo desmatamento da vegetação das margens, pela falta de saneamento básico, pela poluição doméstica e industrial. A partir das diversas vozes, o filme ressoa em tom denunciativo e com humor os diversos monstros que estão à solta pela capital alagoana e como afirma o trecho da música dos créditos finais, Ás Vezes Morga da banda Ximbra:

Ás vezes dói que só
Morar em Maceió
E destruir comunidades

O que é que eu vou fazer?
Eu escolhi viver, e sofrer e morrer em Maceió

Os filmes produzidos pelo Ateliê Sesc de Cinema criam registros, provocam e questionam. Ou seja, auxiliam os alunos do curso e os espectadores a conhecer e a entender, e porquê não redescobrir a cidade e suas complexidades e ambiguidades.

Roseane Monteiro Virginio

REFERÊNCIAS

CORPO D´ÁGUA. Direção, Roteiro e Produção: coletiva. Montagem: Flávia Correia e Ítalo Rodrigues. Maceió, 2018. Curta-metragem (9 min 52 s), sonoro, cor, documentário, vídeo.

ELES NÃO DEIXAM Morrer. Direção, Roteiro e Produção: coletiva. Montagem: Glauber Xavier. Maceió, 2011. Curta-metragem (15 min), sonoro, cor, documentário, vídeo.

FARIAS, Ivo dos Santos. **Nossa casa é do patrão: dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho – Maceió/AL.** Curitiba: Appris, 2014

LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província: estudo da cultura alagoana.** 2. ed. Maceió: Edufal, 2005.

_____. **O encontro das águas: Calunga contribuição a uma Sociologia do palustre e a etnologia do anfíbio na cultura dos canais e lagoas dos alagados alagoanos.** In: LIMA, Maria de Lourdes Lima (Org.). Uma cultura anfíbia na transversalidade de saberes: Alagoas e Rússia. Maceió: Edufal, 2015.

MARINETE. Direção, Roteiro, Produção e Montagem: coletiva. Maceió, 2011. Curta-metragem (15 min), sonoro, cor, documentário, vídeo.

MONSTRO que nada. Direção, Roteiro, Produção e Montagem: coletiva. Maceió, 2015. Curta-metragem (12 min), sonoro, cor, documentário, vídeo.

ONDE VOCÊ mora? Direção, Roteiro, Produção e Montagem: coletiva. Maceió, 2017. Curta-metragem (12 min 45 s), sonoro, cor, documentário, vídeo.

O VELHO e a Lagoa. Direção: Márcio Nascimento. Roteiro: Márcio Nascimento e Jonatha Ferreira. Montagem: Glauber Xavier, Márcio Nascimento e Jonatha Ferreira. Maceió, 2009. Curta-metragem (10 min), sonoro, cor, documentário, vídeo.

autores

autores

autores

autores

autores

autores

AMANDA DUARTE DA SILVA
Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Foi aluna da 6ª edição (2015) do Ateliê Sesc de Cinema e instrutora dos módulos Roteiro e Direção da 8ª (2017) e da 9ª (2018) edição do projeto. É assessora de comunicação e realizadora audiovisual.

JOÃO PAULO SANTOS
Graduado e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas. Foi estagiário de audiovisual do SESC AL (2012) e atuou como voluntário na edição de 2013 do Ateliê Sesc de Cinema, participou do cineclube Projeção (2011-12). Atualmente é professor de ensino fundamental da rede municipal da cidade de Arapiraca -AL.

KARINA LILIANE SILVEIRA DE SANTANA
Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Foi estagiária do Ateliê Sesc de Cinema na 7ª edição (2016) e aluna na 8ª edição (2017). Atua como produtora cultural, realizadora audiovisual e atriz.

ROSEANE MONTEIRO VIRGINIO
Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas. Foi aluna do Ateliê Sesc de Cinema na 6ª edição (2015) e na 8ª edição (2017). E atua como professora, pesquisadora do cinema alagoano, cineclubista e realizadora audiovisual.

filmes
filmes
filmes
filmes
filmes
filmes

Fernão Velho / ABC (2009)

ACONTECEU NO ABC
Documentário, 9 min, 2009.

SINOPSE
Relatos e memórias do que aconteceu no ABC, mito ou verdade?

FICHA TÉCNICA
Direção: Jhony Gusmão. Roteiro: Jhony Gusmão, Bero Carvalho, Niewton Silva e Carlos Jorge, com colaboração de Nataska Conrado. Câmera: Daniel Carvalho e Jhony Gusmão. Produção Executiva: Jhony Gusmão e Bero Carvalho. Edição: Daniel Carvalho. Som direto: Niewton Silva. Assistente técnico – Hugo Leonardo, Claudio Albuquerque, José Ivan e Douglas Nogueira. Elenco: Bero Carvalho, Viviane Vieira e José Ivan. Entrevistados: Dona das Dores, Seu "Nuca", Washington, Dona Celina e Maria Amália. Participação: Severina Ferreira, Carminha, Bruno Jucá, Everson "Primo", Jonathan, Viviane Vieira, Wagno Ferreira e Fernando "Naninho". Músicas: "Reflexo" (Canel), "Bote um coco" (Canel) e Bom dia (Saudáveis Subversivos). Realização: SESC Alagoas e Sistema Fecomércio. Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional. Presidente: Antônio Oliveira Santos. Diretor Geral: Maron Emile Abi-abib. Diretor da Divisão de Programas Sociais: Alvaro de Melo Salmito. Gerente de Cultura e Lazer: Márcia Costa Rodrigues Leite. Assessores de Cinema: Marco Aurélio Fialho e Nadia Moreno. Serviço Social do Comércio - Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidente do Conselho Regional: Wilton Malta de Almeida. Diretor do Departamento Regional: Efigênio de Almeida Neto. Diretora de Programas Sociais: Cléa Costa do Nascimento. Centro do Difusão e Realizações Audiovisuais – CDRA. Coordenador de Cultura: Guilherme Ramos. Técnica de Cinema: Nadja Rocha. Estagiária: Luciana Marinho. Apoio: ABC Guerreiros de Joana, Joana Gajuru Associação Teatral, Saudáveis Subversivos, Quartos dos Fundos. Agosto a Dezembro de 2009. Fernão Velho/ABC – Maceió – Alagoas – Brasil. Instrutores: Nataska Conrado, Daniel Carvalho e Glauber Xavier.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na primeira edição do Ateliê SESC de Cinema.

SAMS
SAMS
SAMS
SAMS

NOME, IDADE, PROFISSÃO E ONDE MORA
Documentário, 9 min, 2009.

SINOPSE
O cotidiano do vendedor ambulante Isaias Ferreira morador de Fernão Velho.

FICHA TÉCNICA
Roteiro: Viviane Vieira, Elenilson Rodrigues, Ivan Minervino e Nataska Conrado. Direção – Viviane Vieira. Assistente de Direção: Elenilson Rodrigues. Câmera: Glauber Xavier e Viviane Vieira. Produção: Hugo Leonardo e Viviane Vieira. Edição: Glauber Xavier e Viviane Vieira. Carregadores: Bero Carvalho, Claudio Albuquerque e Ivan Minervino. Realização: SESC Alagoas e Sistema Fecomércio. Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional. Presidente: Antônio Oliveira Santos. Diretor Geral: Maron Emile Abi-abib. Diretor da Divisão de Programas Sociais: Alvaro de Melo Salmito. Gerente de Cultura e Lazer: Márcia Costa Rodrigues Leite. Assessores de Cinema: Marco Aurélio Fialho e Nadia Moreno. Serviço Social do Comércio - Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidente do Conselho Regional: Wilton Malta de Almeida. Diretor do Departamento Regional: Efigênio de Almeida Neto. Diretora de Programas Sociais: Cléa Costa do Nascimento. Centro do Difusão e Realizações Audiovisuais – CDRA. Coordenador de Cultura: Guilherme Ramos. Técnica de Cinema: Nadja Rocha. Estagiária: Luciana Marinho. Apoio: ABC Guerreiros de Joana, Joana Gajuru Associação Teatral, Saudáveis Subversivos, Quartos dos Fundos. Agosto a Dezembro de 2009. Fernão Velho/ABC – Maceió – Alagoas – Brasil. Instrutores: Nataska Conrado, Daniel Carvalho e Glauber Xavier.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na primeira edição do Ateliê SESC de Cinema

Participação em Festival: 21º Festival Internacional de Curtas-Metragens – Mostra Online KinoOikos (SP)

Premiação: Vídeo mais votado na Mostra Online KinoOikos do 21º Festival Internacional de Curtas-Metragens (SP)

ABC MEMÓRIAS DE UMA VILA
Documentário, 10 min, 2009.

SINOPSE
Moradores do ABC compartilham suas memórias neste documentário.

FICHA TÉCNICA
Direção: Hugo Leonardo e Claudio Albuquerque. Roteiro: Hugo Leonardo, Claudio Albuquerque, Claudio Henrique e Roseane Oliveira, com colaboração de Nataska Conrado. Câmera: Daniel Carvalho e Hugo Leonardo. Produção Executiva: Hugo Leonardo, Claudio Albuquerque, Claudio Henrique e Roseane Oliveira. Edição: Daniel Carvalho. Som direto: Claudio Henrique. Equipe técnica: Douglas Nogueira, Jhony Gusmão, Neiwton Silva, Bero Carvalho e Viviane Vieira. Entrevistados: Dona Chica, Manuel (Tarrefeiro), Dona Zefa e Conceição. Músicas: "Trilhas Cine" (Pastor Tsapa), "Tequiboua" (Canel) e Mantra (Canel). Realização: SESC Alagoas e Sistema Fecomércio. Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional. Presidente: Antônio Oliveira Santos. Diretor Geral: Maron Emile Abi-abib. Diretor da Divisão de Programas Sociais: Alvaro de Melo Salmito. Gerente de Cultura e Lazer: Márcia Costa Rodrigues Leite. Assessores de Cinema: Marco Aurélio Fialho e Nadia Moreno. Serviço Social do Comércio - Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidente do Conselho Regional: Wilton Malta de Almeida. Diretor do Departamento Regional: Efigênio de Almeida Neto. Diretora de Programas Sociais: Cléa Costa do Nascimento. Centro do Difusão e Realizações Audiovisuais – CDRA. Coordenador de Cultura: Guilherme Ramos. Técnica de Cinema: Nadja Rocha. Estagiária: Luciana Marinho. Apoio: ABC Guerreiros de Joana, Joana Gajuru Associação Teatral, Saudáveis Subversivos, Quartos dos Fundos. Agosto a Dezembro de 2009. Fernão Velho/ABC – Maceió – Alagoas – Brasil. Instrutores: Nataska Conrado, Daniel Carvalho e Glauber Xavier.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na primeira edição do Ateliê SESC de Cinema.

O VELHO E A LAGOA
Documentário, 10 min, 2009.

SINOPSE
Mestre Moreira e sua sustentável convivência com a Lagoa Mundaú.

FICHA TÉCNICA
Direção: Márcio Nascimento. Roteiro: Márcio Nascimento e Jonatha Ferreira. Câmera e edição: Glauber Xavier, Márcio Nascimento e Jonatha Ferreira. Imagens incidentes: Márcio Nascimento. Som direto: Jonatha Ferreira. Maquinistas: Bero Carvalho e Carlos Jorge. Finalização: Glauber Xavier. Músicas – Quimera (Danco) e Do Brejo as Montanhas (Danco). Realização: SESC Alagoas e Sistema Fecomércio. Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional. Presidente: Antônio Oliveira Santos. Diretor Geral: Maron Emile Abi-abib. Diretor da Divisão de Programas Sociais: Alvaro de Melo Salmito. Gerente de Cultura e Lazer: Márcia Costa Rodrigues Leite. Assessores de Cinema: Marco Aurélio Fialho e Nadia Moreno. Serviço Social do Comércio - Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidente do Conselho Regional: Wilton Malta de Almeida. Diretor do Departamento Regional: Efigênio de Almeida Neto. Diretora de Programas Sociais: Cléa Costa do Nascimento. Centro do Difusão e Realizações Audiovisuais – CDRA. Coordenador de Cultura: Guilherme Ramos. Técnica de Cinema: Nadja Rocha. Estagiária: Luciana Marinho. Apoio: ABC Guerreiros de Joana, Joana Gajuru Associação Teatral, Saudáveis Subversivos, Quartos dos Fundos. Agosto a Dezembro de 2009. Fernão Velho/ABC – Maceió – Alagoas – Brasil. Instrutores: Nataska Conrado, Daniel Carvalho e Glauber Xavier.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na primeira edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Festival: 7º Cinefest Votorantim (SP)

Premiação: Prêmio Melhor filme no gênero ambiental no 7º Cinefest Votorantim (SP)

Riacho Doce (2011)

ELES NÃO DEIXAM MORRER
Documentário, 15 min, 2011.

SINOPSE
A pesca, artesanato e culinária do bairro de Riacho Doce através do seus moradores.

FICHA TÉCNICA
Roteiro: Marina Mujica, Rebecka Lima, Erivânia Silva, Edna Silva Santos, Lais Luciana e Patricia Ramires. Direção e Produção: Coletiva. Imagens: Glauber Xavier e Hugo Leonardo. Som direto: Erivânia Silva, Edna Silva Santos, Lais Luciana e Patricia Ramires. Edição: Glauber Xavier. Músicas: Ziguezaguear (Cumbuca), Ohm Gam GanaPaye Namah (Jay Gandharwa), Sonho (Cumbuca), Jaya Radha Madehava (Jay Gandharwa) e Abhayankara (Jay Gandharwa). Finalização de áudio: Glauber Xavier. Finalização: Robledo Braga. Parceria: Esporte Clube Riacho Doce, Ideário Comunicação e Barracão Cine Clube. Produtora: Saudáveis Subversivos / Quarto dos Fundos. Oficina Bê-a-ba Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Márcia Shoo. Oficina de Produção e Direção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Glauber Xavier. Oficina Finalizando: Robledo Braga. Realização: Sistema Fecomércio e SESC Alagoas. Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Cléa Costa do Nascimento. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Thiago Sampaio. Equipe técnico-operacional: Agatha Salcedo (Audiovisual). Estagiário: Jorge Barbosa (Audiovisual). Maceió – Alagoas -Brasil. Dezembro 2011

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na segunda edição do Ateliê SESC de Cinema.

ESTADUAL FRANCISCO FIGUEIRÓ

MARINETE
Documentário, 15 min, 2011.

SINOPSE
Um dia com Dona Marinete, seu carisma e suas contradições.

FICHA TÉCNICA
Roteiro: Alessandra Santos, Micaelle Oliveira, Synara Holanda, Tatiana Efrom. Direção e produção: Coletiva. Imagens: Glauber Xavier e Hugo Leonardo. Imagens adicionais: Rafael Belo. Som Direto: Hugo Leonardo. Edição: Coletiva. Música: O Mata – Pela Carreiras (Grupo Trilhas) / Etna Clavac (Varnan). Finalização de áudio: Glauber Xavier. Finalização: Robledo Braga. Motorista: Rafael Belo. Parceria: Esporte Clube Riacho Doce, Ideário Comunicação e Barracão Cine Clube. Produtora: Saudáveis Subversivos / Quarto dos Fundos. Oficina Bê-a-ba Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Márcia Shoo. Oficina de Produção e Direção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Glauber Xavier. Oficina Finalizando: Robledo Braga. Realização: Sistema Fecomércio e SESC Alagoas. Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Cléa Costa do Nascimento. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Thiago Sampaio. Equipe técnico-operacional: Agatha Salcedo (Audiovisual). Estagiário: Jorge Barbosa (Audiovisual). Maceió – Alagoas -Brasil. Dezembro 2011

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na segunda edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Festivais: 23º Festival Internacional de Curtas-Metragens - Mostra Online KinoOikos (SP) e 6º Festival Visões Periféricas – Mostra Visorama (RJ)

Premiação: Menção honrosa na Mostra Visorama do 6º Festival Visões Periféricas (RJ)

RAINHA
Documentário, 20min, 2011.

SINOPSE
O Filme mostra uma particularidade da tradição religiosa do bairro do Riacho Doce, que circula em torno da padroeira do bairro, Nossa Senhora da Conceição, "Rainha dos Céus, dos Mares e das Florestas", acompanhando cultos do Candomblé na Casa de Oxum, do Santo Daime na Igreja Céu das Águas e da Igreja Católica na Igreja Nossa Senhora da Conceição.

FICHA TÉCNICA
Roteiro: Danilo Canuto, Fernanda Fassanaro e Kauê Oliveira. Direção e produção: Coletiva. Imagens: Danilo Canuto, Fernanda Fassanaro, Glauber Xavier, Hugo Leonardo e Kauê Oliveira. Som direto: Hugo Leonardo. Edição: Danilo Canuto, Fernanda Fassanaro e Glauber Xavier. Música: Aquele som (Paulo Coração), Mix Sanfona (Glauber Xavier), Festa em Riacho Doce – Hino da festa de Nossa Senhora da Conceição (Roberto Jr.). Finalização de áudio: Glauber Xavier. Finalização: Robledo Braga. Parceria: Esporte Clube Riacho Doce, Ideário Comunicação e Barracão Cine Clube. Produtora: Saudáveis Subversivos / Quarto dos Fundos. Oficina Bê-a-ba Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Márcia Shoo. Oficina de Produção e Direção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Glauber Xavier. Oficina Finalizando: Robledo Braga. Realização: Sistema Fecomércio e SESC Alagoas. Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Cléa Costa do Nascimento. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Thiago Sampaio. Equipe técnico-operacional: Agatha Salcedo (Audiovisual). Estagiário: Jorge Barbosa (Audiovisual). Maceió – Alagoas -Brasil. Dezembro 2011

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na segunda edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: III Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL)

Centro de Pesquisas Aplicadas CEPA (2012)

ESCOLA
PROFª MARIA

CEPA SIDERAL
Documentário, 10 min, 2012.

SINOPSE
As histórias e curiosidades em torno da construção e manutenção do Observatório Astronômico do CEPA desenham um 'chão de estrelas' para experiências científicas e sensíveis, entre personagens que sonham com os astros desde a infância ou aqueles que já viram de tudo na vida mas ainda desejam, um dia, morar na lua.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Alan Batista, Bruno Marinho, Luis Fernando Matias, José Alexandre Neto e Marcelo Antony. Roteiro, Direção, Produção e Montagem: Coletiva. Imagens: Alice Jardim. Imagens de arquivo cedidas pelo Observatório Astronômico Genival Leite Lima. Desenhos: Alan Batista, Bruno Marinho, Leonardo Simião, Luis Fernando Matias, José Alexandre Neto e Marcelo Antony. Som Direto: Hugo Leonardo. Assistentes de som direto: Alan Batista, Bruno Marinho, Luis Fernando Matias, José Alexandre Neto e Marcelo Antony. Assistentes de produção: João Paulo dos Santos, Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Finalização: Alice Jardim. Músicas: A lua (da minha janela), de Minduim MCZ e Ressonance, de Kalouv.

Ateliê SESC de Cinema 2012. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Hugo Leonardo e Danilo Canuto. Apoio: Ideário Comunicação, Cineclube Ideário, Saudáveis Subversivos e Instituto Zumbi dos Palmares. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Guilherme de Miranda Ramos. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Júlio César da Silva. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na terceira edição do Ateliê SESC de Cinema.

DIÁRIOS
Documentário, 7 min, 2012.

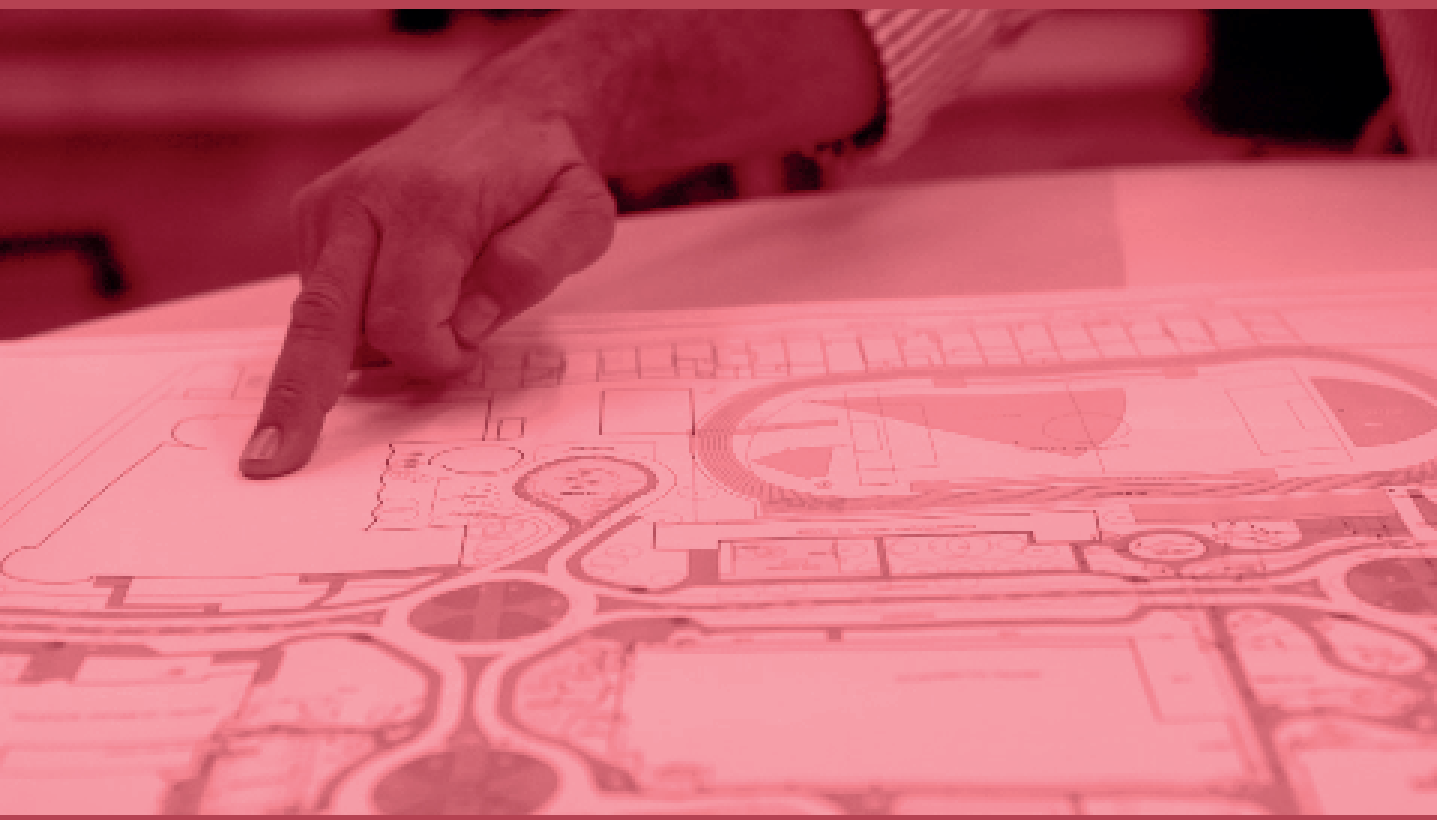
SINOPSE
A experiência dos alunos no Ateliê SESC de Cinema vira filme e metalinguagem. Seus testemunhos de sonhos e desafios estão diante do primeiro contato com o 'fazer' da linguagem audiovisual. Seus desejos e ideais particulares estão diante do conflito da própria adolescência.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Gabriel Nicácio e Laura Nídia Simião. Roteiro: Laura Nídia Simião e Nivaldo Vasconcelos. Imagens: Danilo Canuto e Glauber Xavier. Colaboradores: Amanda Santos, Camila Oliveira, Larissa Lins, Leyliane Vasconcelos, Marcelo Antony, Maria Vitória e Yasmin Januário. Música: Wado. Direção e Edição: Coletiva.

Ateliê SESC de Cinema 2012. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Hugo Leonardo e Danilo Canuto. Apoio: Ideário Comunicação, Cineclube Ideário, Saudáveis Subversivos e Instituto Zumbi dos Palmares. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Guilherme de Miranda Ramos. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Júlio César da Silva. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na terceira edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: IV Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL)



PRA ONDE A ESCOLA VAI?
Documentário, 11 min, 2012.

SINOPSE
Sob ameaça de ser fechada pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas por questões conjunturais, a Escola de Artes do CEPA atualmente tem seu destino incerto. Empenhado em garantir a existência do único espaço formal de exercício das linguagens artísticas no ambiente escolar do CEPA, o filme procura discutir com autoridades, professores e alunos quais os caminhos e alternativas viáveis para manutenção e ampliação do acesso ao ensino e aprendizagem das Artes dentro dessa comunidade educacional.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Amanda Santos, Beatriz Santana, Camila Oliveira e Luis Felipe Matias. Roteiro e direção: Coletiva. Imagens: Glauber Xavier. Assistentes de produção: Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Montagem: Amanda Santos, Beatriz Santana, Camila Oliveira, Danilo Canuto e Glauber Xavier. Música: Basílio Sé.

Ateliê SESC de Cinema 2012. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Hugo Leonardo e Danilo Canuto. Apoio: Ideário Comunicação, Cineclube Ideário, Saudáveis Subversivos e Instituto Zumbi dos Palmares. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Guilherme de Miranda Ramos. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Júlio César da Silva. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na terceira edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: 7º Festival Visões Periféricas - Mostra Visorama

SALTOS E PASSOS
Documentário, 8 min, 2012.

SINOPSE
Passos de Hip Hop. Saltos de Le Parkour. Movimentos artísticos próprios de comunidades periféricas invadem o espaço do CEPA e a vida de alunos para fortalecer a construção de laços sociais e a formação de cidadãos capazes de expressar seus sonhos e exigir seus direitos, utilizando a arte como ferramenta de diálogo com a sociedade.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Larissa Lins, Leyliane Vasconcelos, Yasmin Januário e Victória Mendonça. Roteiro, Direção, Produção e Montagem: Coletiva. Imagens: Alice Jardim. Imagens Adicionais: Hugo Leonardo e Nivaldo Vasconcelos. Som Direto: Hugo Leonardo. Assistentes de Som Direto: Larissa Lins, Leyliane Vasconcelos, Yasmin Januário e Victória Mendonça. Assistentes de produção: João Paulo dos Santos, Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Finalização: Alice Jardim. Músicas: Made in Nordeste, de Vitor Pirralho; Mistura Homogênea, de Vitor Pirralho; Ser Feliz, de Favela Soul. Entrevistas: Alisson Soares, João Victor, Henrique, Rafael e Vieira.

Ateliê SESC de Cinema 2012. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Nataska Conrado. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Hugo Leonardo e Danilo Canuto. Apoio: Ideário Comunicação, Cineclube Ideário, Saudáveis Subversivos e Instituto Zumbi dos Palmares. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Guilherme de Miranda Ramos. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Júlio César da Silva. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na terceira edição do Ateliê SESC de Cinema.

Centro
(2013)

BRÊDA
Documentário, 8 min, 2013.

SINOPSE
O filme apresenta o Edifício Brêda erguido há mais de 50 anos, um dos prédios mais altos e antigos do Centro de Maceió.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Álvaro Lins, Felipe Fonseca e Trinny Alarcon. Entrevistados: Sr. Armando Jorge (Síndico), Sr. Clisthenes Barbosa (Sub-Síndico), Sr. Edgerson Porfírio, Sr. Djalma dos Santos e Sr. Enilzo Cardoso. Direção: Trinny Alarcon. Produção: Álvaro Lins. Som Direto: Felipe Fonseca. Roteiro: Coletivo. Direção de fotografia: Alice Jardim. Imagens: Alice Jardim e Matheus Nobre. Montagem: Coletiva. Finalização: Alice Jardim. Músicas: Ciclotimia, de Ruído/MM; Beni, de Kalouv.

Ateliê SESC de Cinema 2013. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Alice Jardim, Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Danilo Canuto, Flávia Correia e Matheus Nobre. Estagiário: João Paulo Santos. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Júlio César da Silva. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quarta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: IV Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL)

CENTRO ORGANISMO VIVO
Documentário, 10 min, 2013.

SINOPSE
O documentário explora o fluxo intenso das ruas do Centro da cidade, mostrando a agitação do comércio num ciclo que se repete.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Aldemir dos Reis, Diogo Cardoso, Eduardo Pereira, Elias Gonzaga, Laysa Menezes e Paulo Luna. Roteiro, Direção e Montagem: Coletiva. Imagens: Alice Jardim, Elias Gonzaga e Matheus Nobre. Finalização: Glauber Xavier. Edição de áudio: Diogo Cardoso e Elias Gonzaga. Produção: Aldemir dos Reis.

Ateliê SESC de Cinema 2013. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Alice Jardim, Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Danilo Canuto, Flávia Correia e Matheus Nobre. Estagiário: João Paulo Santos. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Júlio César da Silva. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quarta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Festivais: 8º Festival Visões Periféricas - Mostra Visorama (RJ) e 4ª Festival de Cinema Universitário de Alagoas (AL)

EDMILSON
Documentário, 27 min 27 seg, 2013.

SINOPSE
O documentário conta a história de Edmilson, artista de rua que se estabeleceu no Centro de Maceió, e ficou conhecido como "Ceguinho do Centro".

FICHA TÉCNICA
Um filme de Éric Pascoal, José Mayron, Lenny Lima, Miriane Karine e Thawan Elan. Roteiro, Direção e Montagem: Coletiva. Direção de Fotografia: Glauber Xavier. Assistentes de Câmera: Danilo Canuto e João Paulo dos Santos. Finalização: Glauber Xavier. Música: Edmilson Mendes da Silva.

Ateliê SESC de Cinema 2013. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Alice Jardim, Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Alice Jardim e Glauber Xavier. Monitores: Danilo Canuto, Flávia Correia e Matheus Nobre. Estagiário: João Paulo Santos. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Júlio César da Silva. Gerência Sesc Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Kelcy Mary Ferreira Pereira. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quarta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Mercado (2014)

ATELIÊ
SESC
DE CINEMA

ESCAVACADOS
Documentário, 5 min, 2014.

SINOPSE
Mergulho nas obras do artesão alagoano Arlindo Monteiro.

FICHA TÉCNICA
Com Arlindo Monteiro. Um filme de Joseilson Brandão, Rivaldo Souza e Thalita Silva. Roteiro e direção Coletivo. Fotografia Coletiva. Operação de Câmera Flávia Correia. Som Direto Nivaldo Vasconcelos. Montagem de Imagem e Som Coletiva. Trilha Sonora Original Rivaldo Souza. Finalização Alice Jardim. Assistente de gravação Nivaldo Vasconcelos. Assistente de edição Marianna Bernardes. Apoio Augedir Tomé (cenário) e Djalma Leite Pimentel (transporte)

Ateliê SESC de Cinema 2014. Oficina Bê-a-bá Audiovisual Alice Jardim. Oficina de Roteiro Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando Alice Jardim e Flávia Correia. Assistentes de Filmagem e Edição Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Assistente de Produção Brenda Laurien de Andrade. Realização SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quinta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: V Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL)

NÃO OLHE, VEJA BEM
Documentário, 4 min, 2014.

SINOPSE
Poesia visual e sonora sobre um cotidiano distraído.

FICHA TÉCNICA
Um filme para Christopher Diniz, Louryne Simões e Zulu Fernando. Escrito e dirigido por José Soares. Narração: Nivaldo Vasconcelos. Fotografia: José Soares. Operação de Câmera: Alice Jardim, Janderson Felipe, José Soares e Zulu Fernando. Montagem de Imagem e Som: Coletivo. Captação de Som: Carlos Augusto e Marianna Bernardes. Finalização: Flávia Correia. Assistência de Filmagem: Marianna Bernardes. Assistência de Edição: Nivaldo Vasconcelos

Ateliê SESC de Cinema 2014. Oficina Bê-a-bá Audiovisual Alice Jardim. Oficina de Roteiro Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando Alice Jardim e Flávia Correia. Assistentes de Filmagem e Edição Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Assistente de Produção Brenda Laurien de Andrade. Realização SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quinta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: V Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL)

SER MARGINAL
Documentário, 7 min, 2014.

SINOPSE
Margens são linhas que nos separam ou nos aproximam?

FICHA TÉCNICA
Um filme de Guilherme Leão, Izabella Feitoza e Maria Moraes. Roteiro e Direção: Coletivo. Fotografia Coletiva. Operação de Câmera: Flávia Correia. Som Direto Coletivo. Montagem de imagem e som Coletivo. Trilha Sonora Original: Guilherme Leão. Finalização: Alice Jardim. Assistência de Filmagem: Nivaldo Vasconcelos. Assistência de Edição: Marianna Bernardes.

Ateliê SESC de Cinema 2014. Oficina Bê-a-bá Audiovisual Alice Jardim. Oficina de Roteiro Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando Alice Jardim e Flávia Correia. Assistentes de Filmagem e Edição Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Assistente de Produção Brenda Laurien de Andrade. Realização SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quinta edição do Ateliê SESC de Cinema.

TRÊS MERCADOS
Documentário, 8 min, 2014.

SINOPSE
O mercado visto a partir de três personagens que construíram suas vidas trabalhando nele.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Carlos Augusto e Janderson Felipe. Roteiro e Direção Coletivo. Colaboração: José Soares e Rebeca Stefanny. Entrevistados: Seu Heleno (Heleno Ferreira de Barros), Galego do Veneno (Genésio Rodrigues dos Santos) e Biu Brahma (Benedito Miguel dos Santos). Fotografia Coletiva. Operação de Câmera: Alice Jardim, Carlos Augusto e Janderson Felipe. Som Direto: Carlos Augusto, Janderson Felipe e Marianna Bernardes. Montagem Imagem e Som Coletivo. Trilha Sonora: Viaji, composição Guilherme Leão. Brincadeiras das Borboletas, composição Ivan Vandemiatti, interpretação Pife na Manga. Arte do título: Lucas Nascimento. Finalização: Flávia Correia. Assistência de Filmagem: Marianna Bernardes. Assistência de Edição: Nivaldo Vasconcelos.

Ateliê SESC de Cinema 2014. Oficina Bê-a-bá Audiovisual Alice Jardim. Oficina de Roteiro Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando Alice Jardim e Flávia Correia. Assistentes de Filmagem e Edição Marianna Bernardes e Nivaldo Vasconcelos. Assistente de Produção Brenda Laurien de Andrade. Realização SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na quinta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Festivais e Mostras: V Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL) e 4º Festival de Cinema Universitário (AL).

Jaraguá (2015)

FGHI

BUMBA MEU JARAGUÁ
Documentário, 9 min, 2015.

SINOPSE
"Ruínas são espelhos do tempo. Olhares atentos são potenciais estímulos para uma reconstrução".

FICHA TÉCNICA
Roteiro, direção e fotografia: Ydá Pires, Roseane Monteiro, Lara Martiliano, Leonardo Jorge, Jéssica Patrícia da Conceição, Herbson Melo, Emerson Pereira, Amanda Madeiro e Amanda Duarte. Montagem de imagem e som: Ydá Pires, Vanessa Mota, Roseane Monteiro, Lara Martiliano, Leonardo Jorge, Jéssica Patrícia da Conceição, Herbson Melo, Flávia Correia, Emerson Pereira, Amanda Madeiro e Amanda Duarte. Finalização: Flávia Correia. Operação de câmera: Vanessa Mota e Amanda Duarte. Trilha Sonora Original: Sandro Santana. Direção de Produção: Ydá Pires, Roseane Monteiro, Lara Martiliano, Leonardo Jorge, Jéssica Patrícia da Conceição, Herbson Melo, Emerson Pereira, Amanda Madeiro e Amanda Duarte. Depoimentos: Golbery Lessa, Laudicéa Euridice Ivo e José Aldo Ivo. Apoio: Família Boi Vingador, Coletivo Popfuzz, Posto Jaraguá, Gal Center, Auto Cézar e Gráfica V8.

Ateliê SESC de Cinema 2015. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Flávia Correia. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Flávia Correia e Vanessa Mota. Assistente de produção: Vítor da Cunha Beltrão. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na sexta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participações em Mostras e Festivais: Fórum Reinventando Alagoas: Mostra Sururu na Bienal do Livro (AL), 6º Festival de Cinema Universitário de Alagoas (AL), 12º Festival Imagem-Movimento (AP), Mostra Itinerante de Culturas Populares (BA), 9º Curta Taquary - Mostra Dália da Serra (PE) e VI Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL).

MONSTRO QUE NADA
Documentário, 12 min, 2015.

SINOPSE
Monstro no Riacho Salgadinho assombra Maceió. A cidade caminha para um apocalipse anunciado.

FICHA TÉCNICA
Um filme de André Felipe, Dinah Ferreira, Fabbio Cassiano, Jasmim Buarque, Joesile Cordeiro, Paulo Silver e Thiago Melo. Roteiro e direção coletivo. Direção de fotografia coletiva. Operação de câmera: Flávia Correia e Paulo Silver. Direção de arte: Dinah Ferreira, Fabbio Cassiano e Jasmim Buarque. Som direto: André Felipe, Fabbio Cassiano, Jasmim Buarque e Thiago Melo. Montagem de imagem e som coletivo. Finalização: Vanessa Mota. Música de encerramento: Ximbra – Às vezes morga. Elenco: Amanda Madeiro, André Felipe, Antônio Carlos Lessa, Damiana Oliveira, Dinah Ferreira, Eduardo Ferreira, Emerson Pereira, Evellyn Machado, Everaldo Saturnino, Fabbio Cassiano, Francisco Pereira, Gabriela Albuquerque, Gi Silva, Ivanilda dos Santos, Jadir Pereira, Jasmim Buarque, Joesile Cordeiro, José Emmanuel de Lima, Juliana da Silva, Jéssica Patrícia, Leonardo Jorge, Leonildo Marinho da Silva, Luana Cavalcante, Luzenita Mallmann, Manoel Messias da Silva, Marney Pontes, Myllena Morgana, Márcio Sandro de Silva, Maria de Fátima da Silva, Nivaldo Vasconcelos, Octávio Lemos, Paulo Silver, Pedro Calheiros, Roseane Monteiro, Stevie Gildehaus e Thiago Melo.

Ateliê SESC de Cinema 2015. Oficina Bê-a-bá Audiovisual: Flávia Correia. Oficina de Roteiro: Nivaldo Vasconcelos. Oficina de Direção e Produção: Marianna Bernardes. Oficina Filmando e Editando: Flávia Correia e Vanessa Mota. Assistente de produção: Vítor da Cunha Beltrão. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na sexta edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostras e Festivais: 6º Sercine – Festival Sergipe de Audiovisual (SE) e VI Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL).
2016

Poço
(2016)

ISSO VALE UM FILME
Documentário, 15 min 10 seg, 2016.

SINOPSE
"Quando as ruínas de um cinema ganham vida sua história nos é revelada." Isso Vale um Filme é o documentário realizado pelos alunos do Ateliê Sesc de Cinema sobre o Cine Plaza, cinema do bairro do Poço (Maceió – AL) situado nas imediações do Vale do Reginaldo que marcou a memória de muitas pessoas.

FICHA TÉCNICA
Com Elinaldo Barros. Um filme de Bruna Cabral, Gisele Siqueira, Italo Rodrigues, Suednes Teixeira, Taynah e Wellington Caetano. Roteiro, direção, fotografia e montagem: Coletiva. Operação de câmera: Henrique Oliveira, Antony Graber e Isaias Maximiano. Som direto e tratamento de áudio: Paulo Silver. Fotografias Cine Plaza: Renata Voss. Depoimentos: Elinaldo Barros, Cris Pontes, Beba Lourenço, Maria Marinete e Jaete Lopes. Elenco: Jackson dos Santos (Herman), Júlia Damasceno (Ceci), Italo Rogrigues (Mateu), Suednes Teixeira (médico), Caio Cesar, Caique Alves, Estevão Henrique, Kelven Wallace, Luiz Vitor Alves, Marcos Jorge, Mídia Stefany e Cris Pontes (condutor do boi Águia Dourada).

Ateliê Sesc de Cinema 2016. Oficina Be-a-bá Audiovisual: Larissa Lisboa. Oficina de Roteiro: Rafhael Barbosa. Oficina de Roteiro técnico, Fotografia e Som, Direção, Produção e Filmagem: Henrique Oliveira. Oficina de Montagem: Mel Vasconcelos. Assistência de Produção: Bruna Cabral e Karina Liliane Silveira de Santana. Assistência de Filmagem: Paulo Silver. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na sétima edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostras e Festivais: VII Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL) e 6º Festival de Cinema Universitário Tainha Dourada (SC).

Pajuçara/ Ponta da Terra (2017)

I ♥ MACEIÓ

ONDE VOCÊ MORA?
Documentário, 12 min 45 s, 2017.

SINOPSE
Traz à tona as singularidades, ligações e contrastes entre dois bairros, da cidade de Maceió, a partir da perspectiva de seus moradores.

FICHA TÉCNICA
Um filme de Ísis Florescer, Andressa Lopes, Danyelle Paixão, Débora Delduque, Fabbio Cassiano,Jediael Gerônimo, Karina Liliane, Leonardo Santana, Roseane Monteiro. Roteiro, direção e fotografia: Coletivo. Depoimentos (ordem de aparição): Isaías dos Santos (Seu Isaías), Renato Ribeiro da Silva, Aline da Silva Sacramento, Renata Baracho, Maria José da Silva (Dona Maria), Emmanuel Lima, Janailson Reberth da Silva (Pai Fião), José Nilton Lopes Feitosa (Prego) e Nadja Carnaúba. Operação de câmera: Flávia Correia. Assistência de câmera: Jéssica Conceição. Operação de drone: Mayra Costa. Som direto: Fabbio Cassiano,Jediael Gerônimo, Karina Liliane e Leonardo Santana. Montagem de imagem e som: Coletiva. Finalização: Flávia Correia. Trilha sonora Minha Sereia, de Carlos Moura; Maresia Dub, de Tequilla Bomb; Bomb Style, de Tequilla Bomb; Carnaval de Iemanjá, de Caê Mancini; Fim do Carnaval, Dacarpe (freesound.org). Participação: Aline da Silva Sacramento, Ana Beatriz da Silva Ferro, Benício Ribeiro, Dulcylany Kelly da Silva Nascimento, Emmanuel Lima, Ítalo Teixeira, Ivo Lerman (Seu Ivo), Mérick de Lira Rapouso, Isaías dos Santos (Seu Isaías), Janailson Reberth da Silva (Pai Fião), José Nilton Lopes Feitosa (Prego), Louro, Maria da Conceição, Maria de Lourdes, Maria José da Silva (Dona Maria), Nadja Carnaúba, Renata Baracho, Renato Ribeiro da Silva, Roberto Santos e Veridiana Nunes Souza.

Ateliê Sesc de Cinema 2017. Oficina Be-a-bá Audiovisual: Larissa Lisboa. Oficina de Fotografia e Som: Renata Baracho. Oficina de Roteiro e Direção: Amanda Duarte. Oficina de Produção: Nina Magalhães. Oficina de Filmagem e Montagem: Flávia Correia. Assistência de Produção: Nina Magalhães, Maysa Santos e Janderson Felipe. Assistência de Filmagem: Jéssica Patrícia da Conceição. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Kalline Batista de Araújo. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares.

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na oitava edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostra: VIII Mostra Sururu de Cinema Alagoano (AL).

Levada (2018)

CORPO D'ÁGUA
Documentário, 9 min 52s, 2018.

SINOPSE
Da fluidez das águas do Rio Mundaú, a lagoa-mãe dos ribeirinhos verteu e se fez laguna, delineando em suas margens uma região que emerge em várias nuances, da calmaria ao caos. Entremeio às transformações, a lagoa tem seu lugar de fala. Suas memórias e cicatrizes, adquiridas com o tempo, persistem e despertam nas lembranças de seus habitantes, reescrevendo a biografia de uma urbe a se desenvolver em conflito com uma natureza frágil. Uma relação de afeto, de cruzamentos híbridos e de dor, mas também de esperança: nos novos tempos que se prenunciam, a força que vem da pesca, de suas manifestações artísticas, das brincadeiras e momentos ao pôr-do-sol são a força que move a consciência coletiva no sentido de que ressignificar a identidade da Levada e da Lagoa Mundaú seja um caminho possível.

FICHA TÉCNICA
Direção: Aline Alves, Camila Moranelo, Dávison Souza, Elizabete França, Isadora Padilha, Ítalo Rodrigues, Marina Bonifácio, Marcella Farias, Maykson Douglas e Nycollas Augusto. Roteiro: Aline Alves, Álvaro Matheus, Bruno Rafael, Camila Moranelo, Dávison Souza, Elizabete França, Fábio dos Santos, Isadora Padilha, Ítalo Rodrigues, Marina Bonifácio, Luciene Terto, Marcella Farias, Maykson Douglas e Nycollas Augusto. Produção: Coletiva. Realização: Ateliê SESC de Cinema. Design gráfico e visual id: Aline Alves. Imagens: Flávia Correia, Jéssica Conceição e Ítalo Rodrigues. Drone: Mayra Costa. Assistente de câmera: Jéssica Conceição. Montagem: Flávia Correia e Ítalo Rodrigues. Captação de som: Camila Moranelo, Flávia Correia, Isadora Padilha, Ítalo Rodrigues, Marina Bonifácio, Jéssica Conceição, Marcella Farias e Maykson Douglas. Edição de som: Flávia Correia e Paulo Silver. Elenco: Mel Nascimento (lagoa), Edson Bezerra, Isadora Padilha, Ana Carla Moraes, Hélio Rodrigues, Hernandes dos Santos, Maria Verônica e Mathias Costa.

Ateliê Sesc de Cinema. Oficina Be-a-bá Audiovisual: Larissa Lisboa. Oficina de Fotografia e Som: Renata Baracho. Oficina de Roteiro e Direção: Amanda Duarte. Oficina de Produção: Nina Magalhães. Oficina de Filmagem e Montagem: Flávia Correia. Assistência de Produção: Jairis Meldrado e Isadora Padilha. Assistência de Filmagem: Jéssica Patrícia da Conceição. Realização: SESC / Administração Regional no Estado de Alagoas. Presidência: Wilton Malta de Almeida. Direção Regional: Willys José Carlos Albuquerque. Assessoria de Planejamento e Marketing – ASPLAM: Adriana Araújo de Oliveira. Divisão de Educação, Assistência e Cultura – DEAC: Sandra Patricia Nemézio da Rocha. Gerência SESC Centro – Unidade de Cultura: Jadiene Aparecida dos Santos. Coordenação Artístico Cultural – CARC: Fabrício Alex Souza Barros. Analista em Audiovisual: Larissa Lisboa da Fonseca Tavares

OUTRAS INFORMAÇÕES
Realizado na nona edição do Ateliê SESC de Cinema.

Participação em Mostras e Festivais: 8ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental - Concurso Curta Ecofalante (SP), 13º Festival Visões Periféricas - Mostra Eles não vão nos calar (RJ) e Circuito Penedo de Cinema 2019 - Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental.

Sesc
Fecomércio
Senac